



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
CURSO DE DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LARISSA ARAÚJO CAVALCANTE

**“EXISTEM DIAS E DIAS”**: a dupla jornada da mulher empreendedora da cidade de  
Pesqueira-PE

Caruaru  
2023

LARISSA ARAÚJO CAVALCANTE

**“EXISTEM DIAS E DIAS”**: a dupla jornada da mulher empreendedora da cidade de  
Pesqueira-PE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Administração do Campus Agreste da  
Universidade Federal de Pernambuco –  
UFPE, na modalidade de monografia,  
como requisito parcial para a obtenção do  
grau de bacharel/licenciado em  
Administração.

Área de concentração: Organizações.

**Orientador (a):** Professora Dr<sup>a</sup>. Aline Fábila Guerra de Moraes

Caruaru

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cavalcante, Larissa Araújo.

Existem dias e dias: a dupla jornada da mulher empreendedora da cidade de  
Pesqueira-PE / Larissa Araújo Cavalcante. - Caruaru, 2023.

64

Orientador(a): Aline Fábila Guerra de Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2023.

1. Empreendedorismo Feminino. 2. Dupla Jornada. 3. Mulheres. I. Moraes,  
Aline Fábila Guerra de. (Orientação). II. Título.

640 CDD (22.ed.)

LARISSA ARAÚJO CAVALCANTE

**“EXISTEM DIAS E DIAS”**: a dupla jornada da mulher empreendedora da cidade de  
Pesqueira-PE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Administração do Campus Agreste da  
Universidade Federal de Pernambuco –  
UFPE, na modalidade de monografia,  
como requisito parcial para a obtenção do  
grau de bacharel/licenciado em  
Administração.

Aprovada em: 05/10/2023

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Fábila Guerra de Moraes (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Márcia Batista Almeida Pereira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Myrna Suely Silva Lorêto (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a minha família e amigos, em especial meu pais, Alessandra e Gerailton e ao meu irmão Luis Gustavo, pois sempre estiveram ao meu lado, incentivando e apoiando em cada momento. Agradeço a Deus por nunca abandonar sua filha e conceder-me mais uma chance de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, meu senhor e meu guia. “Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.” (Josué 1:9).

Agradeço também a minha família, pois sem eles nada seria possível, minha base e fortaleza, sempre comigo principalmente nos momentos de dificuldade e nas batalhas enfrentadas. Especialmente meus pais, irmão e minhas tias (Vilma e Kelly), pois foram e são meus grandes incentivadores e nunca duvidaram da minha capacidade.

Aos meus poucos e verdadeiros amigos também expresso o meu grande agradecimento, cada um foi importante para construção dessa trajetória. Em especial Brenda, Laís, Rodrigo, Jordana, Erica e Rayanne por toda paciência e ajuda.

Meu sincero agradecimento também às minhas amigas de faculdade que hoje ocupam um grande espaço na minha vida, nada disso seria possível sem elas, Arquiza, Daniele, Valderlane e Bruna. E a todos os demais do nosso eterno grupo, que levarei no coração.

Quero agradecer a todos os professores que contribuíram com o meu processo de aprendizagem, em especial Elisabeth Santos e Aline Guerra, minha orientadora, por toda paciência, disponibilidade e dedicação que teve comigo. Agradeço também a professora Natália Melo, por todo auxílio e paciência nessa jornada.

Agradeço a todos que fizeram parte desse ciclo da minha vida e contribuíram de alguma forma, gratidão!

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre”. (Simone de Beauvoir)

## RESUMO

A sociedade contemporânea apesar de passar por certas evoluções culturais, ainda carrega raízes de uma antiga sociedade patriarcal. Reflexo disso são as lutas diárias vivenciadas por mulheres. No presente trabalho vamos estudar a vida das mulheres empreendedoras da cidade de Pesqueira-Pe. Essa pesquisa tem como objetivo analisar as condições de trabalho que envolvem a mulher empreendedora na dupla jornada, na cidade de Pesqueira-Pe, a pesquisa também aborda a vida das mulheres empreendedoras sobre uma perspectiva de gênero. As informações para evidenciar essa pesquisa foram coletadas através de uma entrevista semiestruturada, realizada presencialmente com cada entrevistada, os dados foram coletados e analisados utilizando uma abordagem qualitativa. Como resultado podemos observar que todas as entrevistadas relatam viver a dupla jornada, ao conhecer a rotina e a estrutura familiar, ficou evidente a dupla jornada e a questão patriarcal ainda enfrentada por essas mulheres.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo feminino; dupla jornada; mulheres.



## **ABSTRACT**

Despite going through certain cultural evolutions, the contemporary society still carries roots of an ancient patriarchal society. The daily struggles experienced by women reflects this. In this work we research the lives of women entrepreneurs in the city of Pesqueira-PE. This study aims to analyze the working conditions involving women entrepreneurs who work double shifts, in the city of Pesqueira-PE. To this end, we sought to understand the work routine of women entrepreneurs; identify the double working shifts characteristics among women entrepreneurs; reflect on gender issues from women entrepreneurs; and problematize about double working shifts in the administration field through the gender perspective. The information collection was through a semi-structured interview carried out in person with each participant. The data was collected and analyzed using a qualitative approach. As a result, we were able to notice that all the women interviewed reported experiencing a double work journey and, getting to know their routine and family structure it became evident the patriarchal issue these women still face.

**Keywords:** Female entrepreneurship; double work shift; women

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|         |                                                                                  |
|---------|----------------------------------------------------------------------------------|
| ANEGEPE | Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas |
| CF      | Constituição Federal                                                             |
| FGV     | Fundação Getúlio Vargas                                                          |
| GEM     | Global Entrepreneurship                                                          |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                  |
| IBQP    | Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade                                |
| IPEA    | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada                                         |
| PNAD    | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios                                      |
| PEA     | População Economicamente Ativa                                                   |
| SEBRAE  | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas                         |

## SUMÁRIO

|              |                                                                                                                 |           |
|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                          | <b>11</b> |
| 1.1          | OBJETIVO GERAL.....                                                                                             | 15        |
| <b>2</b>     | <b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                                                                                 | <b>17</b> |
| 2.1          | EMPREENDEDORISMO NA ADMINISTRAÇÃO.....                                                                          | 17        |
| <b>2.1.1</b> | <b>Empreendedorismo.....</b>                                                                                    | <b>17</b> |
| <b>2.1.2</b> | <b>Empreendedorismo no Brasil.....</b>                                                                          | <b>20</b> |
| <b>2.1.3</b> | <b>Perfil Empreendedor.....</b>                                                                                 | <b>22</b> |
| 2.2          | “DESROMANTIZANDO” O EMPREENDEDORISMO.....                                                                       | 23        |
| 2.3          | GÊNERO, EMPREENDEDORISMO E DUPLA JORNADA<br>DE TRABALHO.....                                                    | 25        |
| <b>2.3.1</b> | <b>Empreendedorismo e a dupla jornada.....</b>                                                                  | <b>28</b> |
| <b>2.3.2</b> | <b>Empreendedorismo feminino: os dilemas atuais.....</b>                                                        | <b>30</b> |
| <b>3</b>     | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                         | <b>34</b> |
| 3.1          | CAMPO DE PESQUISA.....                                                                                          | 34        |
| 3.2          | TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....                                                                                 | 35        |
| 3.3          | TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....                                                                                | 36        |
| <b>4</b>     | <b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>                                                                              | <b>38</b> |
| 4.1          | PERFIL DAS MULHERES EMPREENDEDORAS E SUA ROTINA DE<br>TRABALHO.....                                             | 38        |
| 4.2          | CONHECENDO A ESTRUTURA FAMILIAR DAS<br>EMPREENDEDORAS.....                                                      | 41        |
| 4.3          | EMPREENDEDORAS: UMA ESCOLHA MOTIVADA POR<br>AUTORREALIZAÇÃO OU POR OBRIGAÇÃO DA NECESSIDADE?.....               | 43        |
| 4.4          | A DUPLA JORNADA: DA IDEALIZAÇÃO DA FLEXIBILIDADE PARA A<br>SOBRECARGA E CONFLITOS ENTRE TRABALHO E FAMÍLIA..... | 45        |
| 4.5          | A QUESTÃO DE GÊNERO: UMA HERANÇA PATRIARCAL<br>ALAVANCADA PELO CAPITALISMO.....                                 | 48        |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                | <b>52</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                         | <b>54</b> |
|              | <b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>                                                                  | <b>63</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Durante toda a história, as mulheres enfrentam uma batalha incessante contra a desigualdade e a desvalorização em relação ao gênero masculino. Segundo Fernandes (2015), desde a antiguidade as mulheres situavam-se em relações inferiores aos homens em diversas situações do dia a dia e também não possuíam direitos próprios que hoje são considerados basilares. Ou seja, em tempos mais remotos como aconteceu no Brasil Colônia, as mulheres detinham os papéis que se relacionavam prioritária e exclusivamente ao âmbito doméstico, como a atribuição de ser esposa, filha, mãe, bem como cuidar da casa.

De acordo com Costa e D'Oliveira (2019) foi atrelada à classe feminina uma cultura da vocação natural para esfera privada durante todo o século XIX. Essa cultura era validada principalmente por dois argumentos: o da natureza e o da utilidade social. O fundamento naturalista afirmava que as mulheres, por terem o papel natural de reprodutoras, carregavam a vocação de permanecerem em casa e praticarem a função reprodutiva (COSTA; D'OLIVEIRA, 2019). Segundo Perrot (2005), esse argumento era visto positivamente e como elogio, fazendo com que concordassem e assumissem seus papéis ditos naturais.

Fernandes (2015) traz como exemplo o Brasil, que entre os anos de 1500 e 1822, no período determinado como Brasil Colônia, era dominado por um sistema patriarcal, no qual as mulheres não eram detentoras de direitos próprios, sistema esse que resiste também na atualidade feminina. À época, seus únicos afazeres destinavam-se às atividades domésticas, sendo que a elas eram atribuídos apenas dois papéis: o de mãe e o de esposa. Em contrapartida, aos homens eram concedidas virtudes como o direito ao estudo e o poder na tomada de decisões.

A luta das mulheres por direitos básicos, como igualdade, emancipação e empoderamento, foi pouco a pouco recebendo suporte organizado e planejado, exemplo disso foi a criação do movimento feminista. De acordo com Alves e Alves (2013, p.114): “as tendências do movimento feminista tiveram início no final do século XIX”. O movimento precisou ser cada vez mais organizado e intensificado, de acordo com Pinto (2010) a população machista não facilitou a luta das mulheres, o que tornou o movimento mais intenso.

Com essa luta as mulheres conseguiram alcançar alguns direitos essenciais, como direito à educação, ao trabalho e o direito político de votar e ser votada para

cargos de representatividade. Pinto (2010) destaca a Constituição Federal (CF) de 1988 como um marco importante para às mulheres, a CF de 1988 “[...] é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo”. (PINTO, 2010, p.17). Toda essa opressão que limitava a mulher ao ambiente privado foi sofrendo transformações, a mulher foi ganhando aos poucos seu espaço em ambientes antes vistos como exclusivamente masculino. Apesar do processo de transformação e das conquistas, na atualidade, muitos desses espaços continuam com predominância masculina.

Conforme afirmam Narvaz e Koller (2006), outro ponto importante que contribui para a libertação da limitação feminina foi o capitalismo moderno. Hirata e Kergoat (2007) colaboram com esse pensamento quando afirmam que após a Revolução Industrial (1870-1914) houve a entrada feminina no mercado de trabalho, o que provocou a ruptura no paradigma da diferenciação dos mundos, pois homens e mulheres passaram a trabalhar na mesma fábrica, realizando as mesmas tarefas. Porém, Costa e D’Oliveira (2013) apontam que somado ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho houve também o crescimento das resistências, tanto na perspectiva masculina como também na perspectiva de algumas mulheres da época. De acordo com os autores, ser operária parecia retirar a condição de mulher.

A mulher destinada por fatores naturais como já visto era socializada em âmbito privado, carregando tarefas de cuidar dos filhos, dos pais, do marido, da casa, etc. Essa resistência enfrentada por mulheres que optavam em ocupar seu espaço em ambientes públicos é consequência direta dessa imposição e rotulação na natureza feminina. Como afirma Antunes (1999), referindo-se a construção social sexuada, que institui e atualiza a chamada “Divisão Sexual do Trabalho” cujo processo de desenvolvimento, contribuiu significativamente para a inferiorização das mulheres, limitando-as ao exercício de atividades que reproduzem a ideia do “cuidar”. Faria e Nobre (1997) destacam algumas dessas atividades: “serviço doméstico, professoras, enfermeiras, assistentes sociais”. (FARIA; NOBRE, 1997, p. 22).

Desse modo, percebemos que algumas conquistas foram alcançadas, progressivamente, através de enfrentamentos e resistências, porém ainda existem batalhas diárias contra uma série de obstáculos, incluindo, a luta contra a igualdade e o espaço no ambiente de trabalho.

A desigualdade de gênero é uma questão para o mundo do trabalho desde que o capitalismo foi consolidado, como nos diz Frederici (2017). Ao ganhar espaço no mercado de trabalho, a mulher passou a enfrentar outras questões, como afirma Rago (2013), da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens - como “naturalmente masculino”.

Diferente do afirmado em Hirata e Kergoat (2007), a revolução industrial não libertou ou rompeu totalmente a diferenciação dos mundos. O fato em si não modificou a relação de subordinação feminino e sim desencadeou uma desigualdade de gênero, como afirmou Frederici (2017). De acordo com Saffioti (2013) a inferiorização social que acompanha a mulher desde séculos favorece o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial.

Percebe-se que a mulher vem ampliando sua visão e conquistando de maneira progressiva seu espaço, à medida que vislumbra uma independência financeira e busca a sua realização tanto pessoal como profissional. Contudo, as condições supracitadas acabam por desmotivar a classe feminina.

Atrelado a esses fatores, a sociedade vem passando por crises econômicas que ampliam os números de desempregados, acarretando então o crescimento de trabalhos informais. Para mudar o cenário, a sociedade passa a buscar novas estratégias para geração de renda. Como exemplo, o empreendedorismo passa a ganhar maior espaço na sociedade, visto como oportunidade para auxiliar ou até mesmo suprir as dificuldades financeiras.

Dolabela (2006), considera o empreendedorismo um instrumento de desenvolvimento social e não apenas de crescimento econômico, para o autor tudo indica que o empreendedorismo é um fenômeno regional, mesmo na era da globalização, na medida que a cultura, as necessidades e os hábitos de uma região determinam comportamentos. Pereira e Santos (1995) configuram o empreendedorismo como um dos modelos de gestão que se destacam neste período de transição e de emergência de novos paradigmas.

Existem várias definições e pesquisas voltadas para o empreendedorismo masculino. Muitos autores utilizam inclusive características generalizadas para definir o empreendedorismo masculino e feminino, sem levar em consideração aspectos e obstáculos particulares das mulheres empreendedoras. Por isso se faz importante pesquisar e entender sobre o empreendedorismo feminino. Apesar do

empreendedorismo ainda ser dominado pelo gênero masculino, em 2010 de acordo com o programa de pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), quase 42% dos empresários mundiais eram mulheres.

Shinnar et al. (2017) afirmam que o empreendedorismo feminino constitui um papel importante na economia e redução da pobreza. De acordo com Gomes e Santana (2004) uma das principais razões para que a mulher venha a ter o próprio negócio é a flexibilidade de horários, pois acredita-se que, sendo dona da própria empresa, poderá existir uma compatibilização entre trabalho e família, porém adentramos em um novo problema: a dupla jornada de trabalho das mulheres empreendedoras.

Apesar das conquistas, as mulheres têm sentido o peso da sobrecarga de trabalho, à medida que têm assumido o desafio de conciliar os trabalhos produtivo e reprodutivo. Como destaca Perez (2001), as mulheres são responsáveis pela maior parte de horas trabalhadas em todo o mundo: elas cuidam de crianças, idosos, enfermos, desdobrando-se em múltiplos papéis. Esta é uma questão de gênero vivida ainda na contemporaneidade (GASTAL et al., 2006).

Algumas mulheres são muitas vezes obrigadas a desistir de ser mãe e ter companheiros para que consigam empreender e ter sucesso. Outras precisam renunciar a realizações profissionais para cuidar do lar e família e existem aquelas que preferem continuar com seus pequenos empreendimentos para que consigam conciliar com a família. São inúmeros e distintos casos. Em razão disso destaca-se a importância dos estudos sobre a dupla jornada das mulheres empreendedoras, para que mais estratégias sejam desenvolvidas e possam ajudar no equilíbrio dos conflitos e na satisfação da mulher.

Essa realidade abarca inclusive o Brasil, e especificamente, no caso estudado, as mulheres da cidade de Pesqueira, interior de Pernambuco. A cidade de Pesqueira está situada na região agreste de Pernambuco, a cerca de 214 quilômetros da capital do estado, Recife. De acordo com o último censo (2010), a cidade possui 62.931 habitantes. Desses, 51,35% são mulheres. Além disso, estimativas realizadas em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam um crescimento populacional para cerca de 68.067 habitantes.

Pesqueira passou, ao longo da história, por transformações significativas em relação ao setor econômico. De acordo com Silva (2017), ocorreram invasões aos territórios indígenas pertencentes ao povo Xukuru do Ororubá por fazendeiros

interessados no desenvolvimento da pecuária. O desenvolvimento econômico da cidade de Pesqueira foi, portanto, marcado pela introdução das economias de exploração do gado e da agroindústria.

Outro ponto importante para o crescimento econômico da cidade foi o desenvolvimento da indústria doceira. De acordo com Feitosa (1985), esse crescimento foi resultado do poder de barganha proporcionado pelo capital comercial, especialmente marcado pela expansão das linhas férreas pertencentes à *Great Western*, em 1907. Pesqueira foi crescendo economicamente e consequentemente ampliando o número de pessoas trabalhando em empregos formais. Essa evolução sem dúvidas trouxe pontos positivos para a população.

Assim como relatado em parágrafos anteriores, o mundo do trabalho traz junto com pontos positivos alguns atritos, pois nem sempre o trabalho favorece o trabalhador. Seguindo o percurso da economia é evidente que Pesqueira mesmo sendo uma cidade do interior e pequena sofreu com as consequências e passou por aumento significativo de desempregados, de acordo com os dados do IBGE Pernambuco tem uma das maiores taxas de desempregos do país. Enxergamos então uma grande massa de empreendimentos surgindo na cidade do interior de Pernambuco e, assim, um número considerável de mulheres empreendendo, o que nos faz questionar: como a mulher empreendedora da cidade de Pesqueira-PE concilia a dupla jornada de trabalho?

A pesquisa pretende, então, investigar como as mulheres empreendedoras da cidade de Pesqueira-PE conciliam a dupla jornada e os desafios encontrados por elas. A pesquisa busca conhecer a mulher em relação ao mercado de trabalho e a sua vida pessoal, passando por um estudo sobre a evolução do papel feminino no mercado de trabalho, destacando o empreendedorismo feminino. Um outro ponto a ser abordado é a dupla jornada de trabalho e finalmente analisarmos as empreendedoras da cidade de Pesqueira-PE. Dessa forma, delineamos os seguintes objetivos:

### 1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as condições de trabalho que envolvem a mulher empreendedora na dupla jornada, na cidade de Pesqueira, Pernambuco.



## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a rotina de trabalho das mulheres empreendedoras;
- Identificar características da dupla jornada de trabalho de mulheres empreendedoras;
- Refletir sobre questões de gênero a partir das mulheres empreendedoras;
- Investigar sobre a dupla jornada de trabalho no campo da administração pelo olhar do gênero.

A seguinte pesquisa busca ajudar a enxergar e refletir como a mulher passou e continua passando por um processo de luta contra a subordinação e rotulação em relação à classe masculina. É importante visualizar através da história como cada conquista possibilitou a mulher estar em um lugar melhor em relação ao passado, porém é de extrema importância perceber os obstáculos e lutas enfrentadas na atualidade por mulheres, principalmente as mulheres empreendedoras da cidade de Pesqueira, para que assim a sociedade consiga construir uma nova cultura e ajudá-las a superar obstáculos novos e antigos.

Estudar sobre esses dilemas é importante para sociedade, pois apresenta uma realidade muitas vezes escondida, onde muitos acreditam que a mulher já conquistou a igualdade plena e vive em um mundo sem vestígios da sociedade patriarcal. Nesse sentido, como parte da sociedade, o campo da administração precisa também entender esses novos dilemas e buscar maneiras para enfrentá-los, por isso a importância desse estudo para essa área, tendo em vista que cada vez mais mulheres tornam-se administradoras e precisam ocupar seu espaço no mercado de trabalho, ainda que os números e pesquisas mostrem a disparidade entre os gêneros, principalmente em termos salariais. Percebe-se, assim, uma configuração renovada de obstáculos: a mulher tem sim seu espaço, porém de maneira sucateada e precisando de esforços bem maiores do que os homens.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados os principais temas que formam a base teórica do presente estudo, os temas estão subdivididos em tópicos, são eles: Empreendedorismo na Administração; “Desromantizando” o empreendedorismo; Gênero, empreendedorismo e dupla jornada de trabalho.

### 2.1 EMPREENDEDORISMO NA ADMINISTRAÇÃO

#### 2.1.1 Empreendedorismo

O termo empreendedorismo é a tradução da palavra inglesa *entrepreneurship*, derivada do latim *imprehender*. De acordo com Cunha (2004), a expressão apresentava no século XV o significado da tentativa de abertura de uma empresa laboriosa e difícil para colocá-la em execução. No século XVI a palavra ganhou um outro significado, caracterizando pessoas que assumiam responsabilidades em uma ação militar. Apenas no final do século XVII a palavra passou a ser conceituada como o indivíduo que cria e conduz projetos e empreendimentos (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2008).

Empreendedorismo na contemporaneidade é um termo significativamente popular, entretanto os conceitos que rodeiam a construção desse termo não apresentam uma concepção homogênea. Ou seja, a definição acerca do termo é um desafio, onde diversos autores, sob diferentes perspectivas, descrevem conceitos e atribuições sobre o tema. Verga (2014), Silva (2014) e Dornelas (2015) afirmaram que o estabelecimento de limites nesse tema de pesquisa ainda está longe de ser determinado. Nessa popularização da temática, Fillion (1999) aponta que o campo do empreendedorismo vem ganhando espaço nos estudos acadêmicos há pouco tempo. É inegável que o estudo do empreendedorismo tem impactado diversas áreas de conhecimento, dentre elas a administração, a sociologia, a economia, etc.

Para a presente pesquisa, compreende-se empreendedorismo a partir de alguns autores/as. Como, por exemplo, a visão de Dornelas (2001), que coloca que um indivíduo ousado e cheio de desejo por autorrealização é o que constitui o empreendedorismo. Barreto (1998, p. 190) aponta que: “o empreendedorismo é a habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada”. Já segundo Ogbor (2000) duas perguntas são levantadas na tentativa de explicar o

conceito “empreendedorismo” são elas: “quem” é o empreendedor e o “que” constitui o empreendedorismo.

Entre os diversos conceitos, Cunningham e Lischeron (1991), relatam uma característica em comum sobre o empreendedorismo, a de assumir riscos. Kaufmann (1990) em sua definição aponta justamente essa característica, para o autor, a aptidão de empreender está na busca de inovação e na exposição a riscos de maneira inteligente. Hisrich et al. (2009) definem o empreendedorismo como o processo de criar algo e que tenha valor, assumindo além dos ganhos, os riscos.

De acordo com Schumpeter (1982), o empreendedor é aquele que para além de ser capaz de realizar coisas novas, utiliza o talento para aproveitar a oportunidade. O referido autor, teórico e pioneiro nos estudos do empreendedorismo, afirma que o termo está diretamente associado à inovação e destaca o importante impacto econômico ligado à ação de empreender. Seiffert (2005) afirmou a relevância do estudo de Schumpeter sobre a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico e para o capitalismo, para o primeiro autor, o estudo do segundo teórico trata-se de um marco da teoria do empreendedorismo no século XX.

Schumpeter (1984, p. 132) define o empreendedorismo da seguinte forma:

Atitudes que estão presentes em apenas uma pequena fração da população é que definem o tipo de empreendedor e também a função empresarial. Essa função não consiste essencialmente em inventar nada ou criar as condições para serem exploradas por uma empresa. Consiste em fazer as coisas acontecerem.

O autor acima liga o empreendedorismo com a noção de “destruição criativa”, isto é, na introdução de inovações ou de novas combinações de algo que já existe. O autor ressalta o empreendedorismo com uma visão mais econômica e, corroborando com essa abordagem econômica do empreendedorismo, Baumol (1993) dividiu os empreendedores em dois grupos: aqueles que são inovadores e os que organizam negócios. De acordo com Ferreira (2012), os aspectos comuns entre os referidos estudiosos dessa abordagem é a ligação entre o empreendedorismo e o crescimento econômico.

Como visto nessa abordagem, assumir riscos e inovar são aspectos primordiais para o ato de empreender. Entretanto, essa abordagem econômica passa a receber críticas, como afirmam Moricochi e Gonçalves (1994). A questão da

inovação, por exemplo, poderia ser consequência dos esforços da empresa em aplicar seus recursos acumulados, e não necessariamente resultado de uma ação empreendedora.

Fillion (1999), corroborando com as críticas, também afirma que a referida perspectiva não olha para o comportamento dos empreendedores. Posto isso, uma nova abordagem emerge, a abordagem de origem psicológica, chamada de comportamentalista.

Nesta abordagem comportamental, Fillion (1999) destaca o psicólogo David McClelland que voltou suas pesquisas para aspectos ligados à realização do indivíduo. Segundo McClelland (1961), a necessidade de realização é um importante fator para o crescimento da economia, independente de suas características culturais ou situação econômica. Algumas das características associadas ao empreendedor seriam: autoconfiança, determinação, criatividade, otimismo, visão de futuro, abertura às incertezas, coragem e liderança (FERREIRA, 2012).

Nesse enfoque comportamental as características pessoais do indivíduo ganham destaque, todavia essa visão passa a receber críticas também, pois para alguns estudiosos, analisar apenas as características pessoais do indivíduo seria algo simplificado. Como afirma Gartner (1989), ao considerar apenas a abordagem comportamentalista, a explicação do empreendedorismo estaria limitada/simplificada.

Partindo das críticas relacionadas à abordagem comportamental, a partir de 1980 uma nova visão ganha espaço nos estudos do empreendedorismo, o viés social. A abordagem sociológica considera além dos fatores pessoais, onde na visão de Guimarães (2002) e Feuerschütte (2006), é preciso levar em consideração o contexto em que os indivíduos estão inseridos, os grupos sociais, enfatizando que as experiências vividas influenciam a escolha dos que empreendem. Dentro da visão sociológica, Colbari (2007) afirma que o empreendedorismo se tornou um movimento social devido às mudanças no mundo do trabalho.

Há também uma outra perspectiva sobre o empreendedorismo que é defendida por Peter Drucker. O autor defende o empreendedorismo com uma abordagem administrativa, argumentando que o empreendedorismo deve ter o auxílio de uma disciplina, a administração, para que possa ser estudada e colocada em prática. Drucker (1986) afirma que empreendedorismo é uma disciplina e que as figuras de empresário e empreendedor não devem ser confundidas porque, na

verdade, são distintas. Para o autor: “os empreendedores inovam” (DRUCKER, 1986, p. 39).

Segundo Drucker (1987), o empreendedor é aquele que cria alguma coisa nova, aquele que pratica a inovação sistematicamente, buscando fontes de inovação e criando oportunidades. Essas oportunidades inovadoras podem surgir de sete fontes diferentes. Santos (2008, p. 65) em sua tese, destaca as fontes citadas por Drucker, são elas:

- O inesperado – sucesso inesperado, falência inesperada, evento externo inesperado;
- A incongruência – entre a realidade como é de fato e a realidade como é hipotetizada ou como “poderia ser”;
- Inovação baseada na necessidade do processo;
- Mudanças na estrutura da indústria ou do mercado – que pega todo mundo de surpresa;
- Mudanças demográficas;
- Mudanças na percepção, disposição e significado;
- Novos conhecimentos – ambos científicos e não-científicos (SANTOS, 2008, p. 65).

As quatro primeiras fontes são resultadas do ambiente interno, e segundo o autor acima citado, são facilmente visualizadas por quem atua dentro da empresa, já as demais são consequências do ambiente externo.

Assim como anteriormente destacado, o termo empreendedorismo vem ganhando um significativo espaço e abrange diversas áreas de estudos. Diversos conceitos surgem com a determinação de explicar esse fenômeno. A sociedade em movimento constante contribui para evolução desses estudos: “o empreendedorismo é efetivado pelo indivíduo é afetado pela situação concreta em que ele se encontra” (FERREIRA, 2012, p. 30). Dessa forma, segundo a autora, a construção do empreendedorismo é um somatório de mudanças individuais e sociais, ou seja, mudanças no indivíduo afetam a sociedade e ambos podem gerar mudanças no movimento empreendedor.

### **2.1.2 Empreendedorismo no Brasil**

No Brasil, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, SEBRAE (2021) que desempenha importante papel na cultura empreendedora, houve um tempo em que a palavra empreendedorismo não fazia parte oficialmente da língua portuguesa, o uso do termo no Brasil ganhou destaque

no início da década de 90. Atualmente, de acordo com o SEBRAE (2021) o termo é cada vez mais utilizado para definir pessoas que têm a capacidade de identificar problemas, oportunidades, encontrar soluções inovadoras e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade.

O SEBRAE nasceu em 1972 “[...] como resultado da inclusão gradual das pequenas empresas no debate público, já que a produção ou os serviços realizados por este tipo de empresa tornavam-se cada vez mais estratégicos para o desenvolvimento econômico do país” (DIAS, 2012, p. 112). Para Dornelas (2005), o SEBRAE teve um papel importante no desenvolvimento do empreendedorismo brasileiro.

O empreendedorismo brasileiro participa das pesquisas realizadas pelo programa de pesquisas Global Entrepreneurship (GEM), há 23 anos, segundo o último relatório GEM (2022). De acordo com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), o GEM tem abrangência mundial, e é uma avaliação realizada anualmente, apresentando dados do nível nacional da atividade empreendedora. Em uma das suas avaliações, o GEM destacou que o Brasil conseguiu de 2014 a 2015 o oitavo lugar no ranking dos 31 países de economias impulsionadas pela eficiência, quando se trata de Empreendedores estabelecidos o Brasil passa a ocupar a segunda colocação.

Os dados coletados pela GEM (2022) mostram a realidade do empreendedorismo brasileiro, há depender de certas características. Os empreendedores nascentes e os já estabelecidos, eram em sua maioria homens, para os nascentes a porcentagem era de 54,6% e para os já estabelecidos 66,3% . Outros aspectos são levados em consideração na pesquisa, como faixa etária, nível de escolaridade e renda familiar. Assim como visto ao longo da história, os homens continuam ocupando a maior parte do ambiente privado.

Percebe-se, de acordo com os dados GEM (2022), que para empreendimentos novos e nascentes os jovens entre 18 e 24 anos têm uma porcentagem significativa de 16%. Mas quando se trata de empreendimentos já estabelecidos, a faixa etária com maior significância é a de 45 e 54 anos, com 33,5%. Em relação à escolaridade, em todos os estágios existe a predominância dos que cursaram o ensino médio completo.

Entre os maiores desejos dos brasileiros, ser dono do próprio negócio ganhou lugar de destaque, foi o que revelou o relatório da GEM (2022), realizado pelo

SEBRAE e pela Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANEGEPE). A pesquisa aponta que entre os entrevistados, 60% citaram ter uma empresa como um dos maiores desejos, esse resultado é o maior desde o início das pesquisas em 2000.

Por mais interessante que seja essa série de dados, os autores Soares e Bastos (2007) relatam a preocupação com o elevado índice de desemprego no país, que acaba conduzindo as pessoas a buscarem meios de sobreviverem considerando a possibilidade de construir seu próprio negócio. Essa preocupação destaca o ponto onde o empreendedorismo deixa de ser um sonho e passa a ser necessidade. Discutiremos sobre esse ponto no decorrer do trabalho.

### **2.1.3 Perfil Empreendedor**

Os empreendedores atualmente são vistos com retratos da cultura moderna, os bons moços do capitalismo. Partindo disso, depois da discussão anterior em torno do conceito de empreendedorismo, retornamos outro questionamento levantado por Ogbor (2000): “quem é o empreendedor?”. Para Ansoff (1993), o empreendedor é aquele indivíduo cujo desejo de independência foi capaz de motivá-lo no sentido de estabelecer sua própria empresa.

De acordo com o SEBRAE (2021) empreendedor é justamente quem começa algo novo, que enxerga oportunidade que ninguém viu até o momento, em outras palavras seria aquela pessoa que sai da zona de conforto e da área de sonhos e parte para ação. Para Schumpeter (1982) é aquele que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem. É, portanto, o indivíduo que gera rupturas por meio de suas realizações. Bernardi (2003), reforçando a ideia, afirma que ser empreendedor é ter iniciativa, imaginação fértil para conceber as ideias, capacidade para ver e perceber mudanças como oportunidades, além de outras características.

Uma pesquisa realizada por McClelland (1961) sobre o perfil empreendedor pode ser considerada até hoje uma das mais importante acerca do tema. A pesquisa foi realizada em mais de 30 países e mostrou o empreendedor como uma pessoa diferenciada pela vontade excessiva da autorrealização. Essa pesquisa também pontuou dez características identificadas como fundamentais ao crescimento econômico dos indivíduos empreendedores: busca de oportunidades e iniciativas, exigência de qualidade e eficiência, persistência, independência e

autoconfiança, correr riscos calculados, buscar informações, estabelecimento de metas, planejamento e monitoramento, comprometimento, persuasão e redes de contatos.

Percebe-se que a grande maioria das pesquisas foca em características de personalidade e atributos pessoais como fator determinante para o empreendedor. A crítica colocada a essa perspectiva do empreendedorismo é que ela está baseada na imagem romântica de um indivíduo portador de qualidades e habilidades excepcionais com papel de destaque no crescimento econômico. De acordo com Paiva (2004), essa perspectiva, além da ênfase exagerada em componentes psicológicos do perfil do empreendedor, menospreza a influência do contexto histórico, econômico e sociocultural, no desenvolvimento socioeconômico.

Seguindo a ideia de Paiva (2004), se de fato apenas essas características definissem o ser empreendedor, como explica-se a dominância dos homens nesse setor, as mulheres não possuem as mesmas características psicológicas que os homens? Essa questão evidencia a influência do contexto em meio a construção também de um perfil empreendedor, que seria resultado de uma longa cultura e sociedade patriarcal.

## 2.2 “DESROMANTIZANDO” O EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo evidentemente tem contribuído para o desenvolvimento econômico do Brasil e os estudos estão cada vez mais aprofundando-se nessa área, como já mencionado. Até então foram apresentados aspectos positivos da criação de novos negócios, aspectos esses voltados para o desejo e a autorrealização do indivíduo.

Em contrapartida, existe um outro motivo para a criação de novos empreendimentos, as pessoas muitas vezes são “obrigadas”, pela falta de emprego e a necessidade financeira, a abrirem seus próprios negócios com intuito de sobrevivência financeira. O empreendedorismo tanto pode apresentar-se como um fator que impulsiona o desenvolvimento econômico quanto como “[...] uma estratégia meramente defensiva diante da crise do assalariamento”. (COLBARI, 2007, p. 84). Nesse sentido, afirma-se a ideia do empreendedorismo por necessidade.

Dornelas (2008) destaca que a entrada forçada em uma atividade própria pode resultar em maiores probabilidades de fracasso, em função da falta de



planejamento adequado, não gerando o esperado desenvolvimento econômico. Segundo Barros e Pereira (2008), o conceito de empreendedorismo é exaltado por governos, entidades de classe e organizações como a principal base para o crescimento econômico e para a geração de emprego e renda na atualidade.

Essa exaltação, porém, pode ser mais uma das estratégias do movimento dominante capitalista, para enaltecer o empreendedorismo, fazendo a própria sociedade gerar novos postos de trabalho e assim suprir as lacunas abertas provenientes da falta de ações governamentais. Na visão neoliberal: “[...] o empreendedorismo é uma estratégia pela qual é transferida ao trabalhador a atribuição de gerar postos de trabalho, de modo a garantir ‘ordem e progresso’ capitalistas” (TAVARES, 2018, p. 110). A responsabilidade de autoridades governamentais, nesse sentido, passa a ser atribuída ao indivíduo.

De acordo com Carmo et al. (2021, p. 23): “a responsabilidade de garantir condições de sobrevivência dignas passa da esfera política e social para o nível individual, o que ocorre principalmente em países em desenvolvimento”. Logo, o fator de empreender não pode ser apenas simplificado a um desejo de realização, para muitos empreender é a estratégia de sobrevivência encontrada no momento.

Um outro ponto importante é o fato de o capitalismo ter criado uma ideologia onde o trabalho passa a ser o centro da vida do indivíduo, como pontuado por Noronha e Barbosa (2016), no qual, na sociedade contemporânea, o trabalho aparece como um aspecto central da posição de um indivíduo diante dos outros. Essa importância gerada em torno do *status* do trabalho faz com que o indivíduo seja ainda mais cobrado pela sociedade e categorizado a partir do posto de trabalho ocupado.

Schumpeter (1985) afirma que, em meio a esse processo, a demanda por um novo perfil de trabalhador e o discurso capitalista deram origem à propagação do espírito empreendedor, apregoado pela economia como alavancador de uma nação.

Esse espírito empreendedor é descrito por Peixoto Filho (2011), como o indivíduo que é movido pelo desejo de ter um negócio próprio e ser o seu chefe aquele que gosta de tomar decisões e de marcar presença nas questões operacionais. Peixoto apresenta uma visão romântica e heróica do empreendedor. Em contrapartida, Ferraz (2021) ressalta que, a prática empreendedora expressa, sobretudo, a ampliação da exploração da classe trabalhadora, sendo um elemento decisivo na luta de classes nos dias correntes.

Reflexo disso são os diversos desafios encontrados por empreendedores, às vezes em uma proporção bem maior para algumas classes, como visto em dados anteriores. De acordo com o artigo “Como superar as dificuldades de empreender no Brasil” publicado em 2022 no site do SEBRAE (*online*), entre os principais problemas enfrentados pelos empresários, estão: “a falta de educação para o empreendedorismo, a elevada taxa de impostos, o excesso de burocracia tanto na criação como também na manutenção e as dificuldades para acessar créditos” (SEBRAE, 2022, *online*).

A informalidade pode ser consequência desses problemas, pois os indivíduos decidem abrir o próprio negócio de maneira mais simples e permanecem na informalidade para evitar coisas como burocracia e impostos. O conceito de informalidade pode ser entendido como: “trabalho não regulamentado e localizado de forma majoritária em setores de baixa produtividade e rentabilidade como a pequena produção familiar, atividades comerciais ambulantes e outras voltadas à subsistência” (LIMA, 2010, p. 172). Logo, a informalidade pode ser derivada de diversos fatores.

O trabalho informal é composto por pessoas que estão fora do mercado de trabalho formalizado e afastados da assistência do Estado (CASTRO; NUNES, 2013). De acordo com Harvey (1993), o informal, visto como autônomo, ou com baixa regulamentação, tornou-se um produto do capitalismo flexível, com as rápidas mudanças tecnológicas e informacionais e o alto grau de mobilidade do capital e da força de trabalho que borram as fronteiras geográficas e eliminam as barreiras tempo-espço.

A decisão pela formalização, em um ambiente competitivo, é complexa e pode encontrar resistência e insegurança por parte do empreendedor, mesmo que este conte com o subsídio de experiências anteriores ou com o aprendizado obtido pela auto-observação (OLIVEIRA; SIMONETTI, 2010). Essa decisão cabe às pessoas, porém pode ter outros fatores implicantes, como o financeiro, traços familiares, flexibilidade e até questões de gênero, como é o foco desse trabalho.

### 2.3 GÊNERO, EMPREENDEDORISMO E DUPLA JORNADA DE TRABALHO

O papel “natural” atrelado a mulher de provedora e cuidadora do ambiente privado, construiu uma crença social de que a família e o lar são responsabilidades

direta e praticamente exclusivas da mulher e o trabalho público assim como o sustento do lar faz parte das responsabilidades masculinas. A vida pública é para os homens, e a vida doméstica, para as mulheres (PASSOS; GUEDES, 2018). A luta por ser e estar onde quiser vem desde os primórdios da sociedade, pois as mulheres sempre foram alocadas em papéis determinados por homens, sem direito de escolha.

O espaço ocupado por mulheres no ambiente privado não significa de fato uma conquista, uma vez que as mulheres, por necessidade econômica, precisaram substituir a mão de obra masculina, pois a maioria dos homens da época (1914 - 1945) estavam na Guerra. Santos et al (2015, p.9) afirmam que “[...] a opção pelo trabalho da mulher estava relacionada à premência da necessidade econômica e nunca à sua realização profissional”, acentuando a ocupação feminina nos postos de trabalho como mero suprimento econômico. Outro momento que contribuiu para o crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho foi a revolução industrial e a consolidação do sistema capitalista. Nesse sentido, Luz e Fuchina (2009) destacam que o processo de industrialização deslocou a produção para fora do domicílio.

Para Betiol (2000), essa entrada das mulheres no espaço público trouxe experiências significativas de liberdade e de responsabilidade para as mesmas. A contribuição feminina no mercado de trabalho, ainda que promissora, depara-se com obstáculos, que são reflexos da sociedade patriarcal que originou as relações sociais. Essas relações, segundo Proni (2018), percorrem desde a diferença de remuneração, atribuições e cargos, até atos de assédio por parte de seus parceiros de trabalho.

As mulheres vivem uma constante e incessante batalha contra essa herança patriarcal, os avanços são claros, não se pode negar, todavia em relação aos homens as mulheres parecem estar sempre correndo em uma pista repleta de maiores obstáculos. Filho e Rezende (2015) relatam que a cidadania é constantemente construída, formulada e (re)conceitualizada mediante os processos de ruptura e transição paradigmática, mas os autores também afirmam que as mulheres não colheram, na mesma medida que os homens, os avanços na cidadania, caracterizando assim essas evoluções como discriminações.

A luta da mulher em busca do seu espaço no ambiente privado foi e ainda é marcada por fatos que levaram a uma nova concepção da sociedade, resultando na

eliminação de algumas barreiras, todavia, o pensamento machista e a própria cultura ainda impedem que a mulher mostre seu valor, conhecimentos e habilidades, sem rotulações ou julgamento. Segundo Garcia (2012), este processo se consolida diariamente deixando de ser apenas uma oscilação temporária, tornando o processo de incorporação do contingente feminino um fenômeno social contínuo e persistente.

A autora Simone de Beauvoir em sua obra “O segundo sexo: fatos e mitos”, publicada em 1949, procura compreender a essência feminina e provar que não existem motivos que justifiquem as mulheres encontrarem-se em uma condição de subordinação em relação aos homens. Conforme afirma Danièle Kergoat (2000, p. 55): “a desigualdade entre os gêneros é fruto de uma construção social, e não apenas resultado de características comportamentais biologicamente programadas e reproduzidas por meio de atos instintivos dos indivíduos”.

A introdução das mulheres no mundo do trabalho, como visto, ocorreu de maneira precária, isto é, sem nenhuma proteção social, com condições de trabalhos deploráveis e insalubres, além de todos os fatos relacionados a desigualdade e a relação de poder sempre colocando a classe feminina como inferior. Segundo Bourdieu (2009), a naturalização das relações de poder entre os gêneros – em que o masculino é dominante e o feminino dominado/inferiorizado – gera e reproduz essas desigualdades.

Para Silva (2004, p. 54): “o contexto atual das relações de gênero é composto pela intrínseca relação entre o patriarcado e o capitalismo, sendo que este se apropria das ‘estruturas simbólicas’ e das ‘condições objetivas’ do primeiro, proporcionando a afirmação da “trajetória patriarcal-capitalista do sistema de gênero.” A afirmação de Silva (2004) reforça a ideia de Santos et al. (2015) onde os autores afirmam que a alocação da mulher no mercado de trabalho foi resultado da carência econômica.

Como já apontado, as condições em relação ao trabalho não favorecem as mulheres. Ao entrar no mercado produtivo, a mulher passou a ter responsabilidades com as empresas, sem renunciar às responsabilidades já impostas com o lar, enfrentando uma jornada de trabalho muitas vezes exaustiva. Quando o tempo consumido pelas diversas obrigações familiares e domésticas é tomado em consideração, temos como resultado um segundo horário, na acepção de Gottlieb, Kelloway e Barham (1998), ou uma múltipla e não dupla jornada de trabalho de acordo com Perista (1999).

Embora a legislação estabeleça um limite de carga horária diária de trabalho, a mulher acaba sempre por ultrapassá-la. Nesse sentido, Cramer, Neto e Silva (2002) relatam que, embora tenha havido mudanças na divisão do trabalho doméstico e até algumas inversões, vários estudos apontam que, na maioria dos casos, o que está havendo é um incremento na jornada de trabalho feminina. Os autores afirmam que a mulher acaba por assumir uma dupla jornada de trabalho, pois além de continuar com os serviços, culturalmente impostos, de rainha do lar, tem que assumir no mercado de trabalho os mesmos horários, tarefas e compromissos que os colegas do sexo masculino.

De acordo com os dados do IBGE (2019), as mulheres acima de 14 anos passaram em média 21,4 horas semanais dedicadas às atividades domésticas. Já os homens apenas 11 horas. Dividir-se entre a casa e o trabalho é uma árdua missão, que costuma ser muito mais dura para o sexo feminino. Vampo (2018) destaca que família e trabalho são áreas que provocam momentos de satisfação, mas também de conflitos. Para o autor é de extrema importância encontrar um equilíbrio entre essas áreas.

### **2.3.1 Empreendedorismo e a dupla jornada**

Os autores McClelland (1961) e Drucker (1985) afirmam que o motivo de empreender está ligado à necessidade de realização e à busca de oportunidades. Mas como já apresentado, a autora Colbari (2017) discorda desse único motivo e afirma que existe também a ideia de estratégia meramente defensiva para driblar a crise. Uma pesquisa realizada em 2003 pela GEM indicou que novos empreendimentos podem surgir tanto por oportunidade, quanto por necessidade, no caso de outras opções de trabalho serem inexistentes ou insatisfatórias.

Strobino e Teixeira (2014) evidenciaram que motivadas por vislumbrar alguma oportunidade ou impulsionadas pela necessidade, as mulheres tendem a acreditar que sendo donas da própria empresa poderão compatibilizar trabalho e família. Para as mulheres, Capowski (1992) destaca o empreendedorismo como uma opção interessante de geração de trabalho e renda, uma vez que as corporações teriam falhado em lhes oferecer oportunidades de trabalho que garantisse estabilidade e flexibilidade.

Para Gomes e Santana (2009), um dos principais motivos que faz com que as mulheres empreendam é a possibilidade de gerenciamento de tempo, onde ela possa dividir as horas de seu dia entre as atividades do trabalho e as atividades de casa. O empreendimento acaba sendo visto por parte das mulheres como uma alternativa de controlar o seu próprio tempo e o seu destino profissional.

Todavia, esse desejo de controlar o seu próprio tempo é reflexo da falta de estrutura que a mulher enfrenta desde o início da sua jornada no setor privado. O que ocorre é que são raras as empreendedoras que conseguem manter uma fronteira bem definida entre o trabalho e a vida pessoal. Como enfatizado por Kodagoda (2018), o duplo ônus do trabalho e da família, além de trabalhar longas jornadas, limita as aspirações de carreira das mulheres. De acordo com, além de administrar a casa e cuidar da família, a mulher contemporânea precisa gerenciar atividades fora do lar. Assim, empreendedoras precisam administrar além da vida pessoal o seu negócio (JONATHAN, 2001).

Amorim e Batista (2012) destacam que o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento econômico das mulheres e da sociedade, mas também chama a atenção para a administração da dupla jornada que elas vivem. Dessa forma, Capowski (1992) ressalta que, embora as empreendedoras passem a ter liberdade de organizar o seu dia a dia, elas acabam tendo de trabalhar muito mais. A jornada em um emprego tradicional de oito horas de trabalho diárias, é ultrapassada muitas vezes quando as mulheres optam por ter o seu próprio negócio.

De acordo com dados do IBGE (2016), no Brasil, as mulheres dedicam 73% a mais de horas comparadas aos homens, em relação aos cuidados pessoais e afazeres domésticos, são 18,1 horas semanais para mulheres, enquanto para os homens apenas 10,5. Quando observada a pesquisa por região essa desigualdade fica maior na região nordeste chegando a alcançar 19 horas semanais. Segundo Almeida et al. (2011), em pleno século XXI, ainda são encontrados diversos relatos sobre as adversidades vivenciadas por mulheres, pelo simples fato da diferença de gênero.

Essa desproporcionalidade em relação aos afazeres domésticos decorre justamente do papel social atribuído como natural à mulher de responsabilidade com a família. Senff, Franco e Schmidmeier (2021, p. 195) relata que, “[...] existem argumentos de que as diferenças encontradas entre homens e mulheres empreendedores podem ser explicadas através das tradições da sociedade e da

persistência da idéia de que as mulheres têm a responsabilidade primária e fundamental de cuidar da casa e da família”. Reforçando o fundamento naturalista já afirmado anteriormente por Costa e D’Oliveira (2019).

### **2.3.2 Empreendedorismo feminino: os dilemas atuais**

A ampliação da participação feminina no ambiente de trabalho, considerado anteriormente como exclusivamente masculino, vem acontecendo no Brasil com maior intensidade desde a década de 70. O IBGE traz um exemplo desse crescimento, a participação de mulheres na População Economicamente Ativa (PEA), em 1976 as mulheres somavam 11,4 milhões e décadas depois em 2013 esse número passou a ser de 44,64 milhões.

Probst (2003) aponta fatores importantes que contribuíram para o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, no Brasil: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina. O empreendedorismo é outro setor econômico que vem ganhando a contribuição significativa das mulheres, como afirmado por Cisneros (2015), a participação feminina tem ganhado importante destaque quando se fala em empreendedorismo. De acordo com os dados do GEM (2016), a mulher brasileira é uma das que mais empreende em todo o mundo.

Desse modo, as mulheres embaladas pelas necessidades ou motivadas pela percepção de oportunidades têm sido peças fundamentais para o empreendedorismo. Esses dados apresentam uma evolução no comportamento humano, são mudanças e quebras de tabus. “A cada geração, novos padrões de comportamento vão se tornando aceitáveis. A sociedade evolui e com isso diminuem as diferenças entre o que as mulheres podem fazer e o que está reservado aos homens” (VILLAS BOAS 2010, p. 35). Contudo, esses novos padrões ainda não correspondem ao total respeito e liberdade feminina.

Porto (2002) destaca a existência de uma forte pressão por parte dos maridos no que se refere à provisão do lar, mostrando uma grande resistência nas transformações quanto às tradicionais atribuições femininas e masculinas.

Embora mudanças e continuidades coexistam, o deslocamento hoje das fronteiras do masculino e do feminino deixa intacta a hierarquia social que confere superioridade ao masculino, hierarquia sobre a qual (...) se assenta a divisão social do trabalho. Enquanto a

"conciliação" entre vida profissional e vida familiar, trabalho assalariado e trabalho doméstico for pertinente exclusivamente para as mulheres, as bases em que se sustenta essa divisão sexual não parecem estar ameaçadas em seus fundamentos. (HIRATA, 2004, p. 20)

A autora acima destaca um ponto importante que sustenta a divisão sexual, o fato da mulher ainda assumir responsabilidades que deveriam ser partilhadas, sozinha. "Nos países capitalistas não existe mais um sistema patriarcal que seja autônomo do capitalismo. Relações patriarcais continuam a existir, mas não são parte de um sistema separado" (ARRUZZA, 2015, p. 37). Essa fronteira ainda existente para alguns autores/as é consequência de um capitalismo patriarcal.

Os movimentos feministas, desencadeados a partir do fim dos anos 60, tiveram e têm um papel de fundamental importância nas conquistas femininas, principalmente no que se refere à entrada da mulher no mercado de trabalho. Esse movimento faz uma forte crítica às relações hierárquicas entre homens e mulheres que geram conflitos e consequências negativas para a classe (ARRUZZA, 2015).

De acordo com Cunha et al. (2009), as lutas dos movimentos feministas contra a desigualdade de gênero são de grande importância para a autonomia feminina nos tempos atuais, por lutarem em busca da valorização da mulher como ser igualitário ao homem nos domínios políticos e sociais visando à redução da submissão feminina, imposta inclusive no trabalho, porém ainda é possível observar no cotidiano algumas barreiras próprias do contexto atual.

Como já destacado, não foi eliminado de vez a cultura de uma sociedade extremamente machista, por isso a relevância do movimento feminista ainda na contemporaneidade, como apresentado por Hirata (2004, p. 13), ao lembrar a fala de Elizabeth Lobo (1991): "a conquista da cidadania plena das mulheres é ainda um processo em curso na sociedade brasileira, é uma luta das mulheres nos movimentos, é uma luta dos partidos que pretendem ter um projeto democrático". O processo de eliminação de uma cultura machista extremamente forte, necessita de movimentos bem estruturados e determinados.

Novos dilemas são enfrentados gradativamente pela mulher contemporânea, seu espaço foi conquistado, mas com grandes falhas e faltas. Assim como afirmado (ATTAC, 2003), a globalização modifica o lugar das mulheres na economia, mas também os papéis masculinos e femininos nas esferas da vida política e social, alterando simultaneamente as formas de desigualdade entre mulheres e homens.



Nesse contexto seguiremos debatendo alguns dos inúmeros dilemas enfrentados pelas mulheres trabalhadoras e empreendedoras na atualidade.

Alguns dados são de grande importância para evidenciar o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, assim como também são importantes para visualizar a desigualdade que ainda perpetua.

De acordo com um estudo realizado na Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em análise de dados do IBGE, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho cresceu continuamente desde 2014 e atingiu 54,34%, em 2019. Em 2021, a porcentagem fechou em 51,56%.

Dados do 3º trimestre de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) contínua, do IBGE, revelam que o Brasil contava com 89,6 milhões de mulheres com 14 anos ou mais, das quais 47,9 milhões faziam parte da força de trabalho.

Em 2020, a pandemia trouxe dificuldades para a população em geral, destacando o grupo das mulheres, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no terceiro semestre de 2020 o percentual de mulheres empregadas ficou em 45,8%, esse percentual não chegava a ser tão baixo desde 1990. Antes da pandemia em 2019, as mulheres representavam 53,3%, isso significa que em um ano ocorreu uma queda de 7,5%, essa queda para os homens foi bem menor, apenas 6,1%.

Em relação ao empreendedorismo, o GEM traz alguns dados relevantes. A pesquisa realizada em 2009 aponta que o Brasil conta atualmente com 18,8 milhões de empreendedores em estágio inicial ou com menos de 42 meses de existência. Desse total, 53% são mulheres e 47%, homens.

Outro relatório do GEM (2016) apresentou os seguintes dados: no Brasil a taxa de empreendedorismo inicial é mais alta para mulheres (19,9%) do que para homens (19,2%), essa distribuição é considerada bastante equilibrada. Mas esse equilíbrio diminui quando as taxas de empreendimentos estabelecidos, ou seja, empreendimentos com mais de 42 meses de funcionamento, são apresentadas neste caso há uma predominância masculina com 19,6% enquanto a feminina é de 14,3%.

Estes dados apontam para algo preocupante, pois apesar de conseguirem criar novos negócios, as mulheres não conseguem mantê-los. Fatores como preconceito de gênero, menor credibilidade, maior dificuldade de financiamento e

dificuldades em conciliar atividades do empreendimento e as demandas domésticas e da família, podem ser condições que contribuem para que as mulheres não prosperem em seus negócios (GEM, 2010).

Em uma pesquisa mais recente e pós pandemia os dados levantados pela GEM (2022), relatam que 45,4% dos empreendedores nascentes eram mulheres, porém quando se trata dos empreendimentos já estabelecidos as mulheres representam apenas 33,7%. O advento da pandemia é sem dúvida um dilema surpresa enfrentado por todos, porém analisando os números visualiza-se que mais uma vez a mulher é a mais prejudicada no ambiente de trabalho e empreendedor. Como afirma Cramer et al. (2012), as mulheres são sempre mais afetadas do que os homens por interferências do ambiente, reforçando assim a ideia da sociedade patriarcal resistente.

Apontando outro dilema, Souza e Guimarães (2000) notaram que, apesar da maior abertura à entrada de mulheres nas organizações, não são todos os postos que se mostram disponíveis para elas. Cargos que exigem maior qualificação ou que apresentam maiores possibilidades de ascensão na carreira ainda são ocupados predominantemente por homens.

As mulheres continuam recebendo um salário inferior, como apontam, Giuberti et al. (2005), existe a discriminação salarial pura, já que os homens tendem a receber remuneração superior à das mulheres em ocupações idênticas. “As empreendedoras vêm tentando derrubar barreiras que as atrapalham pelo simples fato de serem mulheres, estereótipos socialmente construídos” (SILVA; LASSO; MAINARDES, 2016, p. 152). Todos os dilemas já enfrentados e ainda recorrentes são consequências da estruturação do gênero masculino como superior, como já afirmado por Silva (2004), numa sociedade capitalista patriarcal.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse ponto serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa. De acordo com os autores, Strauss & Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para coletar e analisar os dados. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos auxiliarão na resolução dos objetivos propostos pelo trabalho.

Quanto à abordagem o presente trabalho optou por o método qualitativo, o qual, de acordo com Minayo (2001, p.14), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Como o objetivo principal desse trabalho é analisar as condições de trabalho que envolvem a mulher empreendedora na dupla jornada, na cidade de Pesqueira, essa é uma análise subjetiva e o método qualitativo permitirá entender melhor sobre cada participante e suas particularidades.

Em relação à natureza do trabalho, considerando os objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. A pesquisa descritiva de acordo com Zanella (2006 p. 34): “procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas”. segundo Gil (1999), a finalidade principal desse tipo de pesquisa é descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecer relações entre as variáveis.

Assim, o presente trabalho procura conhecer a rotina de trabalho das mulheres empreendedoras, identificar características da dupla jornada de trabalho dessas mulheres, refletir sobre questões de gênero a partir das mulheres empreendedoras e problematizar sobre dupla jornada de trabalho no campo da administração pelo olhar do gênero.

#### 3.1 CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Pesqueira-PE, município do Agreste pernambucano, que está localizado há cerca de 214 quilômetros do Recife, capital do estado de Pernambuco. De acordo com o último censo, Pesqueira tem aproximadamente 62.722 habitantes (IBGE, 2022).

Inicialmente foi realizado contato com cerca de 20 mulheres, com ajuda das redes sociais e da Coordenadoria da Mulher, da cidade de Pesqueira, que

atualmente realiza trabalhos voltados para o fortalecimento do empreendedorismo feminino na cidade. Das 20 mulheres contactadas, 16 retornaram e mostraram entusiasmo para participar da entrevista.

Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que os sujeitos de pesquisas são as pessoas que possuem conhecimento e podem ajudar no estudo. Nesse caso, a escolha dos sujeitos desta pesquisa utilizou três critérios: o primeiro: ser mulher; segundo: residir e atuar na cidade de Pesqueira; e terceiro: ser empreendedora formal ou informal. Todavia, das 16 mulheres que aceitaram participar da pesquisa, apenas 8 mulheres empreendedoras conseguiram, alegando motivos como falta de tempo para marcar um horário.

### 3.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta de dados utilizados para a pesquisa foi a de entrevista semiestruturada. O roteiro de entrevista pode ser visualizado no Apêndice A deste trabalho. Como afirmado por Gil (2008), esse tipo de entrevista é capaz de extrair informações a respeito das visões individuais de cada participante, de acordo com seu modo de vida, crenças e sentimentos. Dessa maneira, essa forma de entrevista buscou proporcionar liberdade às mulheres empreendedoras de relatarem fatos pessoais e importantes para cada uma.

A entrevista semiestruturada foi aplicada de forma individual e presencial para cada participante, apenas uma das entrevistas foi realizada por vídeo chamada. Inicialmente o contato foi por telefone, onde foi combinado um horário e local para o encontro. Algumas das entrevistadas optaram por responder a entrevista enquanto trabalhavam ou em seu horário de almoço devido à falta de horários disponíveis.

As perguntas da entrevista foram divididas em seções de acordo com o tema relacionado, as seções são: Seção 1 (Perfil Pessoal da Empreendedora); Seção 2 (Sobre relação com estudos); Seção 3 (Sobre sua família); Seção 4 (Sobre sua renda); Seção 5 (Sobre o surgimento da sua empresa); Seção 6 (Sobre sua empresa); Seção 7 (Relação Trabalho / Família); Seção 8 (Gênero). Estas seções formaram também as categorias de análise posteriores.

No que diz respeito aos aspectos éticos, antes da aplicação da entrevista foi explicado que cada empreendedora poderia livremente acrescentar ou não responder algo caso não estivesse confortável. Todavia todas responderam e

conversaram bastante sobre o tema relatando o seu dia a dia como mulheres empreendedoras.

Na apresentação dos dados coletados, as empreendedoras entrevistadas serão identificadas da seguinte forma: Empreendedora 01 (E1), Empreendedora 02 (E2), empreendedora 03 (E3), empreendedora 04 (E4), empreendedora 05 (E5), empreendedora 06 (E6), empreendedora 07 (E7) e empreendedora 08 (E8). Podemos melhor visualizar o perfil das empreendedoras no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

| Empreendedoras | Idade | Estado civil | Nível de escolaridade                   | Filhos | Área do empreendimento    | Tempo atuando como empreendedora | Formalizada |
|----------------|-------|--------------|-----------------------------------------|--------|---------------------------|----------------------------------|-------------|
| E1             | 27    | casada       | ensino médio                            | 1      | Loja online de Semi joias | 1 ano                            | não         |
| E2             | 24    | solteira     | superior completo<br>Curso Direito      | 0      | Escritório de advocacia   | 2 anos                           | não         |
| E3             | 34    | casada       | ensino médio                            | 1      | Artesanato / Crochê       | 3 anos                           | não         |
| E4             | 23    | Solteira     | cursando superior<br>Curso Fisioterapia | 0      | Estúdio de Maquiagem      | 8 anos                           | não         |
| E5             | 20    | solteira     | cursando superior<br>Curso Direito      | 0      | Unhas em gel              | 2 anos                           | não         |
| E6             | 26    | casada       | superior incompleto<br>Curso Psicologia | 1      | Loja online de Doces      | 7 anos                           | não         |
| E7             | 23    | solteira     | ensino médio                            | 1      | Maquiagem e Blogueira     | 8 anos                           | não         |
| E8             | 30    | casada       | superior completo<br>Curso Biomedicina  | 0      | Hamburgueria              | 4 anos                           | sim         |

Fonte: Elaboração própria (2023)

### 3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Após as entrevistas, todo o material foi transcrito para um arquivo com intuito de facilitar a visualização dos dados colhidos e o seguimento da análise. Os dados gerados nas entrevistas precisavam ser organizados e interpretados para assim resultar em melhores informações. Foi proposto para a análise dos dados deste trabalho a análise de conteúdo, que de acordo com Minayo (1994), é geralmente utilizada para a melhor compreensão dos dados de uma pesquisa qualitativa.

Bardin (1977, p.42), denomina a análise do conteúdo da seguinte forma:

[...] Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Logo, seguiremos o estudo dos dados seguindo a análise de conteúdo de Bardin, por ser um método capaz de permitir uma visualização rica em detalhes. Nessa análise os dados já organizados passam por uma leitura detalhada para exploração do material e sua categorização de acordo com o tema ou objetivo requerido, posteriormente cada categoria passa por um processo de tratamento de dados, gerando resultados.

A partir dos objetivos específicos foram geradas categorias para facilitar a visualização dos resultados e esclarecer as questões iniciais deste estudo. São estas categorias: rotina de trabalho; estrutura familiar; motivações; dupla jornada de trabalho e relações entre gênero.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 PERFIL DAS MULHERES EMPREENDEDORAS E SUA ROTINA DE TRABALHO

Essa pesquisa, como já abordado, contou com a colaboração de 8 mulheres empreendedoras do município de Pesqueira - PE. O grupo de entrevistadas são mulheres de idade entre 20 e 34 anos. Duas dessas mulheres estão solteiras e as outras seis têm um companheiro, entre elas quatro estão há um tempo já dividindo o lar com o companheiro, são casadas ou estão em união estável, as outras duas não dividem ainda o lar com o parceiro, mas deixaram claro o desejo futuro.

Em relação ao perfil educacional das empreendedoras, 50% terminaram o ensino médio e as demais finalizaram ou estão cursando o ensino superior, como pode ser visto no Quadro 1. Todas entendem a importância da educação em suas vidas, não só do ensino básico ou superior, mas de cursos profissionalizantes voltados para área do seu empreendimento, como podemos ver nos seguintes relatos:

Realizei um curso voltado para o empreendedorismo dentro da advocacia. Contribuiu de forma grandiosa, pois me ajudou a perder o medo e saber por onde começar. Pra mim é de extrema importância, o conhecimento nunca é demais, e quando temos uma boa formação conseguimos seguir uma área com maior excelência o que é um grande diferencial nos dias de hoje. (E2)

Estou cursando o curso de Direito, no quarto período. Já realizei alguns cursos profissionalizantes de unhas e tenho em mente fazer outros para me aperfeiçoar cada vez mais, pois nesse setor que estou sei que cursos são extremamente importantes. (E5)

Todo e qualquer curso que dê ênfase e melhoramento na empresa é de extrema importância. Tanto que na [empresa] procuramos sempre ter cursos de gestão pessoal e treinamento geral para a equipe em geral. (E8)

A empreendedora E6, atualmente confeiteira, relatou a sua dificuldade para continuar cursando o superior, em virtude da pandemia e do desemprego. Conta que foi obrigada a trancar o curso de psicologia que era um sonho. Atualmente a empreendedora está investindo em cursos de confeitaria e se especializando no seu segmento.

Comecei a faculdade de psicologia até o 5 período, porém não continuei por falta de dinheiro, a pandemia e o desemprego, contribuíram para minha desistência, esse curso superior era um sonho, porém atualmente como confeitira estou aos poucos realizando cursos e ao mesmo tempo me realizando e cada dia mais apaixonada por esse mundo. Acredito que para empreender precisamos buscar conhecimentos e saber de que maneira passar para o público-alvo. (E6)

Reforçando a importância da busca de conhecimento destacada por a empreendedora E6, La Rovere (2001) aponta o conhecimento como um fator central para competitividade e para Fillion (2000) formar pessoas mais criativas e com espírito de liderança é essencial para valorização do seu potencial empreendedor.

Discordando um pouco das demais empreendedoras a E7, destaca o seu ponto de vista sobre o ensino superior.

[...] O ensino superior é importante em muitas áreas da nossa vida, mas não em todas! É importante para ingressarmos em determinadas profissões, é importante porque nos traz conhecimentos ainda mais abrangentes sobre determinados assuntos. Quando falo que em alguns aspectos não influencia é pq na tecnologia em que vivemos hoje, há várias maneiras de viver, sem necessariamente ter o ensino superior ou curso profissionalizante. (E7)

A empreendedora E7, além de empreendedora no setor de beleza é digital *influencer* e por isso acredita que a tecnologia abriu diversos caminhos para seu desenvolvimento pessoal e profissional. De fato, as redes sociais abrem portas e muitas pessoas iniciaram seu empreendimento ou aumentaram o número de seus empreendimentos a partir das interações e facilidades oferecidas pelas redes sociais. Porém, ao mesmo tempo que estar nas redes é importante, também cria uma espécie de regra, na qual é preciso, além de lidar com as demandas do próprio empreendimento, também precisam criar conteúdo para as redes, ou seja, mais trabalho além do já planejado.

Sobre a rotina de trabalho, assim como exposto no Quadro 1, as empreendedoras atuam em diferentes áreas, como exemplo a empreendedora E2, que está atuando no setor de serviços e tem o seu escritório de advocacia e a empreendedora E6, que trabalha no ramo da confeitaria e tem como local de



produção a sua casa. Todavia, todas compartilham de rotinas bastante próximas, como veremos nas transições a seguir.

De acordo com a entrevista realizada, foi observado que sete das oito mulheres realizavam em geral todas as atividades do seu empreendimento, desde o planejamento administrativo até a divulgação e venda do produto ou serviço, nesse sentido já visualizamos que as empreendedoras assumem multitarefas em relação ao seu trabalho.

[...] Eu sou tudo, porém a única ajuda é com as entregas. (E1)

Toda atividade da empresa é organizada e planejada por mim, conto apenas com ajuda de modelos às vezes para divulgação e as modelos são minhas amigas. (E4)

Na empresa sou só eu, como faço unhas por agendamento consigo organizar melhor meus horários de acordo com a faculdade. Na minha rotina como empreendedora eu faço agendamentos através no Instagram ou Whats Faço alguns posts do meu trabalho no meu Instagram profissional E atender as clientes no meu espaço que fica na minha casa. (E5)

Diferente das demais, a empreendedora E8 conta atualmente com ajuda de funcionários, além disso, a E8 é a única empreendedora que tem sua empresa formalizada.

De início a ideia principal foi do meu marido, o mesmo não tinha formação e não cursava nenhum ensino superior, apenas trabalhando na área de carro pipa aqui na cidade. Em uma área emprestada dentro do estabelecimento da minha sogra, começamos o nosso empreendimento. Hoje temos o nosso espaço e contamos com a ajuda de alguns colaboradores. (E8)

Para as demais empreendedoras a formalização das empresas está conectada a um conceito de burocracia ou simplesmente não conseguem visualizar vantagens na formalização, como relatado por a empreendedora E3, a formalização é muito complicada e no momento não vale o investimento.

Todas as entrevistadas relataram não conseguirem identificar quanto tempo em média do seu dia é dedicado ao trabalho (empreendimento), todas afirmaram que no decorrer do dia mesmo não querendo acabam parando para organizar ou planejar algo da rotina empreendedora.

## 4.2 CONHECENDO A ESTRUTURA FAMILIAR DAS EMPREENDEDORAS

Segundo Vampo (2018), a família é uma das áreas responsáveis por gerar momentos de satisfação ao indivíduo. Colaborando com essa afirmação, as empreendedoras E1 e E2, em seus relatos, destacam a importância e o prazer gerado por sua família. Porém a empreendedora E1 não hesitou em destacar também como a sua responsabilidade com o lar muitas vezes é desgastante:

Moro com mais três pessoas, minha mãe, meu marido e minha filha, são motivos de extrema felicidade para minha vida, principalmente minha filha de 11 anos. Toda a rotina do lar é organizada e feita por mim, comida, casa, roupa, contas, meu marido trabalha fora, minha mãe não me ajuda por motivos de saúde e minha filha ainda é uma criança, acabei herdando a responsabilidade do lar, essa responsabilidade por diversas vezes me desgasta. (E1)

Moro com 3 pessoas: mãe, pai e irmão. Me sinto agraciada por ter uma família que me acolhe, apoia, entende. Temos uma boa convivência e conseguimos nos adaptar bem a rotina de todos, como atualmente todos trabalham sempre prezamos por aproveitar todos os momentos que podemos juntos. (E2)

Percebe-se nos relatos da empreendedora E1 a existência da dupla jornada vivenciada por diversas mulheres, assim como já relatado por Cramer, Neto e Silva (2002), as mulheres acabam assumindo uma dupla jornada de trabalho, mesmo com mudanças da divisão do trabalho doméstico.

Na tentativa de conhecer um pouco a estrutura familiar e como é a rotina de cada mulher, separamos uma seção da entrevista para esse assunto. Todas as empreendedoras dividem o lar com mais pessoas, entre elas, filho, companheiro, mãe, pai, irmãos e avó. Quatro delas têm um filho. Todas descreveram sua rotina familiar como corrida, mas com boas relações e satisfação.

As empreendedoras relatam que são as maiores responsáveis por todos os trabalhos referentes ao ambiente privado, contando em alguns casos com ajuda mínima dos companheiros ou integrantes da família, afirmando a cultura da vocação natural de cuidadora relacionada a classe feminina, como exposto por Costa e D' Oliveira (2019). Essa cultura que persiste continua favorecendo uma classe que sempre aparece no domínio, como Filho e Resende (2015) afirmam que as mulheres não colhem as mudanças culturais no mesmo ritmo dos homens.

A empreendedora E6 destacou em seus relatos que seu marido e filha dependem inteiramente dela nesse quesito. Já as empreendedoras E4 e E5 que são irmãs destacam a ajuda da mãe nas atividades do lar, fazendo assim com que elas possam ter um tempo maior para as demais tarefas, porém aos finais de semana precisam ajudar em casa.

Não tenho filhos, moro com meus pais e duas irmãs. Eu trabalho e estudo, eu só vou em casa pra tomar banho e dormir. É um convívio muito bom, meus pais me incentivam muito e me apoiam em tudo. Não ajudo em nada nas tarefas de casa durante a semana por falta de tempo, uma vez que trabalho fora durante o dia e estudo durante a noite na cidade vizinha e aos finais de semana trabalho no meu empreendimento uma vez que as maquiagens quase sempre são marcadas para o fim de semana só aos domingos consigo um tempo para ajudar minha mãe lavar roupa. Essa "folga de trabalhos domésticos" só é possível pois minha mãe não trabalha fora de casa e permite que eu e minhas irmãs tenham prioridade na vida profissional. (E4)

Não tenho filhos Moro com outras cinco pessoas. Meus pais, minha avó e minhas duas irmãs minha rotina é bem corrida, faço estágio da faculdade na parte da manhã, a tarde trabalho com unhas em gel e a noite vou para faculdade e sempre que sobra um tempo ajudo minha mãe nas atividades domésticas. (E5)

Os relatos da E4 e E5 evidenciam o papel de extrema importância da mãe para conseguir cumprir as demais atividades. A presença feminina sempre amarrada com as atividades domésticas vai ficando cada vez mais evidente no decorrer de cada relato, seja as empreendedoras enfrentando as batalhas diárias da casa e no ambiente público, assim como também por exemplo o relatado pelas empreendedoras E4 e E5, no qual, suas respectivas mães, mais uma mulher, ocupando o “papel natural” imposto socialmente. Reafirmando o que Bourdieu (2009) já havia enfatizado, essa imposição e desigualdade é consequência da naturalização das relações de poder entre os gêneros.

Apenas a empreendedora E3 relatou que não conta com ajuda nenhuma para as tarefas domésticas, seu marido trabalha viajando e quando chega não ajuda em nada.

Eu e meu filho passamos a maioria do tempo sozinhos, por ser uma criança eu cuido de tudo, as poucas vezes que meu marido vem em casa, não me ajuda com nada, pelo contrário, as vezes acabo trabalhando muito mais por causa dele. (E3)

Diferente das demais empreendedoras, a E3 em seus relatos destacou a falta de apoio do marido em relação a todas as questões do lar, reforçando a ideia de Porto (2002), quando o autor destaca a forte resistência ainda existente por parte dos maridos no que se refere às transformações do papel “tradicional da mulher”.

#### 4.3 EMPREENDEDORAS: UMA ESCOLHA MOTIVADA POR AUTORREALIZAÇÃO OU POR OBRIGAÇÃO DA NECESSIDADE?

De acordo com Colbari (2007), o empreendedorismo não surge em todos os casos apenas por desejo intenso de autorrealização, para a autora, em algumas situações, as pessoas são obrigadas a empreender por mera necessidade. As empreendedoras que participaram da pesquisa, especificamente E1, E4, E5 e E6, evidenciaram a ideia de Colbari (2007) ao relatarem o motivo do surgimento das suas empresas.

Surgiu da necessidade de ter uma ocupação que não fosse um trabalho fora do lar, uma vez que preciso cuidar da minha filha e da minha mãe. Eu também queria ter uma dependência financeira (E1)

Além da necessidade de ter minha renda quando finalizei o técnico, a paixão e o dom por maquiagem me motivaram, sempre maquiei minhas amigas e irmãs e contei com incentivo delas também. (E4)

O surgimento da minha empresa se deu pelo fato que eu queria começar a fazer faculdade e assim eu sabia que teria que ter um trabalho com horários flexíveis para ir para faculdade pois estudo em outra cidade e também para ter mais tempo livre para estudar. (E5)

Minha atual marca surgiu recentemente em abril de 2023, porém já sou empreendedora desde 2015 e sempre tive o sonho de empreender nessa área, anteriormente trabalhei em parceria com a minha com minha tia e prima, uma empresa familiar porém sem formalização. De certeza no início o fator de maior influência foi a necessidade, desempregada e sem visão de oportunidade eu e minha prima precisamos aprender com minha tia a fazer bolos e doces e ter nossa renda, hoje confeitaria é uma paixão, porém a necessidade ainda continua como um fator forte. (E6)

Essas mulheres deixam evidente a influência de alguma necessidade para a escolha de empreender, seja ela financeira ou de adaptação de horários. Elas precisam lutar de alguma forma para suprir lacunas, muitas vezes como já mencionadas anteriormente, lacunas abertas por falta de ações governamentais, por

exemplo. Como Tavares (2018) deixou claro, na visão neoliberal, o empreendedorismo é uma forma de passar as responsabilidades para o trabalhador. E, no caso das empreendedoras estudadas, percebemos essa responsabilidade sendo carregada nas costas das mesmas, muitas vezes de forma solitária, sem auxílio de companheiros ou sem funcionários, por exemplo.

Outro ponto que podemos observar foi a questão das entrevistadas E6 e E4 relatarem além da necessidade, o fato da paixão pelo seu trabalho e de como são realizadas por exercerem, contribuindo para a abordagem comportamental do empreendedorismo, que de acordo com McClelland (1961), a necessidade de realização é um importante aspecto para empreender. A empreendedora E7 em seus relatos destacou bem a sua paixão:

Então, aos 14 anos eu fui chamada pela primeira vez, para fazer fotos em uma loja [como modelo]. Nessa época, ainda não era algo tão grandioso quanto hoje. Eu também já ia maquiada para fazer esses trabalhos. Até que aos 15 anos eu comecei a sair mais com amigas e elas começaram a me pedir para maquiar elas e as pessoas começaram a ver e perguntar quem tinha feito. Foi quando surgiu a oportunidade de unir o útil ao agradável. Daí em diante, eu comecei a respirar maquiagem. Passava madrugadas assistindo vídeos no YouTube. Tutoriais de todas as formas. Fiz um curso básico no O Boticário e assim foi fluindo. Já nas fotos e divulgações, aos poucos as lojas foram me vendo e começaram a me convidar para fazer trabalhos. Hoje, é o meu trabalho mais constante! (E7)

Segundo Dornelas (2001), o que constitui o empreendedor é a ousadia e o desejo de autorrealização, nessas empreendedoras enxergamos claramente a ousadia e o desejo. Podemos observar também como cada mulher assumiu o risco de empreender, e assim como destacado por Cunningham e Lischeron (1991) e Kaufmann (1990), assumir risco é uma característica compartilhada por empreendedores. Todavia, a maior visualização se dá ao fato da necessidade do preenchimento de alguma lacuna.

Apesar dos dilemas que perduram na vida das mulheres contemporâneas, conseguimos visualizar que esses não são suficientes para levar à desistência das empreendedoras. As entrevistadas relataram pontos positivos que despertam diariamente a motivação para continuar empreendendo.

Positivos: sabedoria, maturidade, experiências, dinheiro [...] A realização de trabalhar e não ser só a mulher do lar." (E1)

Ponto positivo é poder trabalhar em casa e cuidar do meu filho (E3)

Ser independente mesmo que com poucos clientes como era no início, ter autonomia (Eu que mando kk), poder montar meus horários e me sentir mais livre e além de ter o total controle do meu dia a dia, estudar, malhar tudo certinhos, esses são alguns pontos que destaco como positivos (E4)

Ponto positivo ter uma flexibilidade para estudar e fazer a minha faculdade (que é o meu maior sonho). (E6)

Procurro motivação todos os dias. Hoje, sem dúvidas, minha maior motivação é minha filha. É por ela que luto todos os dias. Para que tenha uma boa escola, uma vida melhor. (E7).

Como afirmado por Hirata (2004), a conquista feminina diante dessas lutas é um processo ainda em curso. As entrevistadas têm consciência desse processo e mostram-se dispostas a lutar e buscar sempre um melhor espaço para as mulheres.

#### 4.4 A DUPLA JORNADA: DA IDEALIZAÇÃO DA FLEXIBILIDADE PARA A SOBRECARGA E CONFLITOS ENTRE TRABALHO E FAMÍLIA

De acordo com Strobino e Teixeira (2014), às mulheres vislumbradas por oportunidade ou impulsionadas pela necessidade, acreditam que sendo donas da própria empresa poderão compatibilizar trabalho e família, além de prospectar uma dependência financeira. Porém, o resultado encontrado nas entrevistas mostra um cenário um pouco diferente. A maioria das mulheres ainda não conseguem suprir todas as despesas com o seu trabalho, como relatado nas falas a seguir:

Meu marido arca com as maiores despesas e minha mãe também contribui. Inclusive pedi dinheiro emprestado esse mês. (E1)

Não, minha mãe é a principal responsável, mas eu, meu irmão e meu pai dividimos as despesas também. (E2)

Meu marido que atualmente tem dois empregos (risos), pois ainda não consigo suprir todas as necessidades com o meu empreendimento. Não sou a responsável por manter as despesas do lar, mas tenho minhas contribuições. (E6)

Meu marido arca com quase todos os custos da casa e do nosso filho, minha renda está começando a ajudar em algumas despesas. (E3)

Outro aspecto em destaque é o desejo de conciliar família e trabalho. A empreendedora E2 relata: “trabalhar por conta própria tem suas vantagens, porém nem sempre é fácil chegar cansada de um dia de trabalho e ainda ter que cuidar da casa, existem dias e dias”.

Na atualidade tudo parece estar ligado ao trabalho, o que compramos, o que vestimos e até como somos definidos, essa centralização do trabalho gera um aumento de cobrança em relação as pessoas. As mulheres mais uma vez são as mais afetadas, precisam estar “em dia” com a sociedade e ao mesmo tempo com as responsabilidades atribuídas do lar. No mundo contemporâneo as mulheres precisam sempre estar no modo de produção e geração de lucros, seja para o ambiente público ou privado.

Diante disso, percebemos que a mulher ganhou espaço no setor privado, mas não foi dada a mesma liberdade de dividir ou escolher não realizar as atividades do lar, ainda ficando para elas, essa segunda jornada de trabalho, a qual Perista (1999) chamou de múltipla e não apenas dupla jornada.

Para Gomes e Santana (2009), um dos principais motivos para a mulher empreender é o desejo de gerenciar melhor o seu tempo. Em determinadas empreendedoras podemos visualizar esse desejo, porém foi percebido que as empreendedoras que não possuem filhos são as que mais chegam perto de gerenciar melhor seu tempo. As demais não conseguem nem separar o trabalho da rotina familiar.

Não consigo separar o trabalho dos cuidados da casa e da minha filha, como trabalho em casa, corre aqui, corre ali e estou sempre fazendo algo. Às vezes fazendo bolo e o almoço, outras atendendo cliente e dando de mamar e assim seguimos, no fim do dia estou tão cansada, mas ainda preciso fazer comida para o marido e publicações no *Instagram*. (E6)

Atualmente não há organização de agenda dos meus horários, pois por morar em frente ao estabelecimento, consigo suprir minhas necessidades pessoais na minha rotina (afazeres domésticos, atividades físicas e lazer). (E8)

Capowski (1992), destaca que mesmo a mulher empreendedora ganhando a liberdade para organizar o seu dia a dia, elas acabam tendo que trabalhar muito mais. De acordo com entrevistas, quase todas as mulheres ultrapassam o horário normal de trabalho de oito horas, além de trabalharem mais em casa e também aos

finais de semana. Essa sobrecarga afeta a vida dessas mulheres, como destacado pela empreendedora E1.

Tenho dificuldades, pois as vezes deixo uma coisa de lado para fazer outra, não dá para fazer 100% os dois. Às vezes passo duas semanas sem lavar roupas por falta de tempo. Me sinto culpada por isso. Antes do empreendimento tinha uma rotina certa com horários, hoje eu preciso abrir mão muitas vezes de um almoço no horário certo para realizar as entregas. (E1)

Essa culpa carregada pela empreendedora E1 é compartilhada por quase todas as mulheres, pois desde o seu nascimento já são implantados por uma cultura machista, padrões e rótulos específicos. Os dados do IBGE (2019) afirmam que as mulheres acima de 14 anos, já são submetidas a quase 22 horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico, em contrapartida os homens quando atuam nessas atividades ocupam apenas 11 horas.

Essa desproporcionalidade acaba por resultar na sobrecarga e em consequência um estresse e até mesmo esse sentimento de culpa. As mulheres acabam absorvendo responsabilidades que deveriam pertencer a todos sozinhas e muitas vezes sem ajuda de companheiros ou familiares.

O papel social atribuído como natural à mulher (Beauvoir, 1949) ainda perdura e afeta realmente as mulheres. Contudo, a forte determinação, também tida como natural às mulheres, motiva diariamente cada uma a seguir trilhando o seu caminho.

Ao serem questionadas em relação aos conflitos entre trabalho e família ou outro aspecto como rotina pessoal e estudos, as empreendedoras afirmaram ter uma certa dificuldade em relação a ter um equilíbrio e algumas já pensaram em desistir do empreendimento por essas questões.

Já pensei diversas vezes em desistir as vezes por me sentir incapaz e outras por achar que precisava ajudar mais na renda e orgulhar mais meus pais. Geralmente não consigo calcular, porém sinto que estou em falta com a minha rotina pessoal, trabalho, estudos e a maquiagem estão ocupando toda minha rotina. Com as atividades empreendedoras geralmente eu perco encontros familiares de fim de semana, não consigo descansar e ter lazer. (E4)

Tudo é misturado, não consigo especificar. toda hora se alguém fizer pedidos eu preciso parar e responder." "Sim, às vezes eu queria o dia



todo só para focar na loja, mas eu tenho as pessoas que precisam do almoço e dependem de mim (E1)

Esses relatos afirmam a ideia de Kodagoda (2018) onde o autor fala sobre o duplo ônus do trabalho e da família. E reforçam o já abordado por Capowski (1992), onde o autor destaca a falsa liberdade gerada para as mulheres empreendedoras organizarem o seu dia.

Para Ferraz (2021) o empreendedorismo é mais uma maneira de explorar a classe trabalhadora. Reforçando a ideia da falsa liberdade, a autora define o empreendedorismo como sendo o novo modelo capitalista. Com o avanço do capitalismo, a mulher acaba "ganhando" espaço no mercado de trabalho - já que antes era obrigada a se limitar ao trabalho no âmbito doméstico. "Ganhando" entre aspas, pois apesar de parecer uma conquista - agora poder trabalhar e empreender - a mulher ainda é a responsável pelo trabalho doméstico. Ou seja, o que é aparentemente um ganho (social e financeiro), continua sendo uma exploração (e dobrada! Pois além de cumprir a jornada de trabalho, ainda cumpre a segunda jornada em casa).

Além disso, a mulher teria a sensação de liberdade por ter a oportunidade de sair do ambiente doméstico (conhecer outros lugares, outras pessoas). Mas o trabalho é outro ambiente limitador, onde ela tem que vender, literalmente, as horas do seu dia e seu esforço, físico e intelectual, ao empregador. Para Marx (2015) a liberdade existente nessa situação, nos melhores dos casos, seria de escolher a quem e como vender sua força de trabalho. No caso do empreendedorismo a liberdade poderia ser na escolha de onde investir seus esforços e habilidades.

#### 4.5 A QUESTÃO DE GÊNERO: UMA HERANÇA PATRIARCAL ALAVANCADA PELO CAPITALISMO

Segunda a empreendedora E6: “ser mulher pode parecer fácil, mas é o contrário! Para muitos ainda hoje na sociedade a mulher simboliza ser dona de casa e mãe”. As falas das empreendedoras fortalecem o pensamento exposto por Passos et al. (2017), quando fala que para os homens está reservado a vida pública e para as mulheres a privada. Mesmo em constante evolução a sociedade ainda transparece essa concepção.

Para Arruza (2015) as fronteiras ainda existentes são consequência de um capitalismo patriarcal. Na entrevista as mulheres falaram um pouco sobre como foi a sua educação em relação a “ser mulher”. A empreendedora E3 relatou: “minha educação foi das antigas, que mulher tem que trabalhar no fogão e em casa”, reforçando a ideia de Arruza (2015).

A empreendedora E6 também contribui com seu relato:

Minha educação foi bem rígida, sou a única filha mulher de 5 homens e meu pai sempre deixou claro o que “na visão dele” eu e minha mãe deveríamos e poderíamos fazer. Hoje ainda preciso enfrentar certa resistência do meu pai para algumas decisões minhas, meu pai além de rigoroso é pastor e eu sempre enfrentei e bati de frente com algumas ideias absurdas dele, como por exemplo o fato de poder priorizar os estudos e não o lar, ou até mesmo quando era criança e sonhava em jogar futebol. (E6)

Em contrapartida, as entrevistadas que tinham sua mãe como apoio e exemplo, relataram ter uma educação mais aberta e orientações para enfrentar o mundo que, segundo elas, é machista.

No meu caso tive sempre minha mãe como a provedora do lar então eu sempre via minha mãe como ‘A mulher’, meu pai saiu muito cedo de casa, minha mãe me passou que como mulher eu poderia ser o que eu quisesse. (E1)

Minha mãe tem 53 anos, é professora concursada do município desde os 23, cresci com o ensinamento que ser mulher tem suas dificuldades, mas sempre vi minha mãe fazendo por onde correr atrás de tudo o que quis na vida, e com o pensamento que é difícil, mas a gente consegue. (E2)

Não é de hoje que as mulheres enfrentam desigualdades apenas por serem mulheres. Hirata e Kergoat (2007), falam sobre a divisão sexual do trabalho e apontam dois princípios, o da separação onde por consequência dos papéis sociais existem trabalho para homens e trabalho para mulher e o princípio hierárquico onde o trabalho do homem vale mais. A afirmação da empreendedora E8 evidencia salários desiguais e uma constante rotulação de incapacidade.

O que eu gostaria de falar sobre ‘ser mulher empreendedora’ é que: no dia a dia eu já sofro preconceito vindo de todos os lados, as vezes de fornecedores os quais não “aceitam” lidar com questões da empresa comigo e se dirigir diretamente ao meu marido, mesmo que a palavra final seja a minha, diante da minha função do âmbito

descrito. Eu como mulher sofro de todas as partes para fazer com que as pessoas entendam a minha função como administrador geral. Seja com funcionários homens que têm dificuldade em acatar ordens vindo da minha parte, seja com clientes que por mais que saibam que eu estou a frente da Hamburgueria, costumam se dirigir ao meu marido para tirar dúvidas. Sendo assim, é notório que o machismo é presente e real no meu dia a dia. O que eu de certa forma aprendi a lidar, mesmo que com ajuda de profissionais de saúde (terapeuta), o qual me foi indicado iniciar já no segundo ano de hamburgueria. O qual me ajudou e tem me ajudado bastante a lidar com certas situações. Por muitas vezes é desanimador ter que conviver com isso. (E8)

Proni (2018) falou sobre a desigualdade feminina no ambiente de trabalho e para ele são diferenciações de remuneração, de atribuições de cargos e até mesmo atos de assédio por parte dos seus parceiros de trabalho, infelizmente fazem parte do dia a dia feminino no mercado de trabalho. Isso é visto no decorrer das entrevistas e em outro momento da conversa com as entrevistadas elas relataram em unanimidade que acreditam que o homem é totalmente privilegiado por ser homem e as mulheres prejudicadas.

[...] Pois sempre somos taxas de sexo frágil, o homem pode tudo e a mulher não pode nada. (E1)

[...] Sempre somos subestimadas, ainda mais por ser tão nova e estar em um campo que é massivamente masculino e que muitas pessoas ""medem"" seu conhecimento por sua idade. (E2)

Acredito sim que o homem tenha mais privilégios e mais aceitação no mundo. Já sofri esse tipo na pele, por ser mulher muitas vezes questionam minha capacidade. Nós temos uma barreira muito grande quanto a isso ainda, de que o homem é superior a mulher, sendo que nós mulheres conseguimos fazer as coisas com muito mais garra e determinação. (E5)

A empreendedora E7 em seus relatos destacou: “acredito que existem privilégios. Hoje em dia não tanto quanto antes, mas ainda assim, existe. [...], e com certeza, o homem tem uma rotina diferente. Às vezes trabalham mais duro, como às vezes, mais molezas”. Seguindo esse pensamento, relembramos o conceito de Garcia (2012), onde para ele a luta por igualdade é um processo de consolidação diária. Em sua fala a empreendedora afirma que mesmo existindo privilégios não são mais os mesmos de antes na visão da mesma.

Essa evolução teve e tem como aliado o movimento feminista, como constatado por Cunha et al. (2009), as lutas do movimento feminista são de grande importância para autonomia e valorização das mulheres nos tempos atuais. Sobre essa questão, a empreendedora E6 declarou ser inteiramente feminista e sempre buscar igualdade para as mulheres: “acredito que nossas diferenças são e devem ser apenas biológicas, o restante cada uma precisa ter autonomia para ser o que quiser ser”.

A autora Daniele Kergoat (2000) aborda a visão da desigualdade entre os gêneros ser fruto da construção social, em concordância com a tese de Beauvoir. O que pode ser observado em diversas falas das empreendedoras, onde desde pequenas já são educadas e preparadas para serem do lar. A empreendedora E3 lembra da sua infância e relata que desde criança sua avó fez questão de ensiná-la a cozinhar e arrumar a casa, muitas vezes afirmando que só assim ela seria uma “boa mulher”.

Minha vó foi a pessoa que me criou desde cedo, tenho ela como mãe. Sempre no processo de educação ela fazia questão de ensinar como limpar as coisas e cozinhar e tudo mais relacionado a casa. Via meus primos sempre aprendendo a jogar bola ou andar de bicicleta enquanto nós mulheres (primas e irmãs) aprendemos a cuidar da casa, segundo minha avó, só assim encontraremos bons maridos e seríamos boas mulheres (E3).

Outras empreendedoras também destacaram a brincadeira de infância, “brincar de casinha”. Essa brincadeira que no passado parecia ser algo sem maldade, hoje é percebida por algumas como uma preparação para o futuro. “Eu agora percebo que a brincadeira determinada como de menina era um curso preparatório para nosso futuro” (Empreendedora E1).

Antunes (1999) quando fala sobre divisão sexual do trabalho destaca a limitação dada à mulher para atividades que reproduzem a ideia de “cuidar”. Nesses relatos podemos perceber essa ideia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença feminina no ambiente, visto anteriormente como de exclusividade masculina, vem ganhando espaço ao longo da história, com uma ampliação significativa e bastante relevante para a sociedade em geral. Entretanto, Conforme a emblemática frase que dá título a este trabalho: “Existem dias e dias: a dupla jornada da mulher empreendedora da cidade de Pesqueira-PE”, esse espaço ainda é precário e repleto de desigualdade, uma delas em destaque no presente trabalho é a sobrecarga recaída sobre a mulher em relação ao ambiente privado.

Diante do exposto, o objetivo principal deste estudo foi o de analisar as condições de trabalho que envolvem a mulher empreendedora na dupla jornada de trabalho, na cidade de Pesqueira. O empreendedorismo feminino vem ganhando um espaço importante e na cidade de Pesqueira não é diferente.

Os resultados das entrevistas indicam a existência da dupla jornada de trabalho enfrentada pelas empreendedoras de Pesqueira. Analisando sua rotina de trabalho e familiar foi concluído a sobrecarga recaída nessas mulheres. As mulheres assumem multitarefas em relação ao seu trabalho - como a maioria não tem condições de ter funcionários, por exemplo, elas precisam fazer tudo na empresa. Desde a limpeza até a contabilidade e com a tecnologia dominando o mundo empreendedor, essas mulheres precisam aprender a como conquistar o seu público utilizando ferramentas digitais como por exemplo o Instagram, ou seja, as empreendedoras assumem também o papel de “blogueiras”.

As empreendedoras não conseguem dissociar o "trabalho" e a "vida privada". Não possuem um horário de "encerramento" do expediente, então acabam trabalhando 24 horas por dia, o que traz uma sobrecarga física e mental enorme.

Por receberem uma educação onde acham normal assumirem todo trabalho doméstico, essas mulheres contam apenas com "ajudas" mínimas de seus companheiros e/ou filhos; quando recebem apoio, são de outras mulheres, o que perpetua a condição da mulher em relação aos afazeres do lar. Em outras empreendedoras conseguimos observar a solidão que elas enfrentam na rotina, além da ilusão de independência financeira - quando na verdade, há diversas dificuldades financeiras relacionados ao empreendedorismo e a economia atual.

Ficou evidente, após as entrevistas, as características empreendedoras citadas no trabalho por diversos autores. Porém foi identificado a obrigação sofrida pelas mulheres para abrirem o seu empreendimento, tendo o fator necessidade sido relatado por quase todas as entrevistadas.

Concluimos também a herança de uma sociedade patriarcal ainda influenciando a vida das mulheres, os preconceitos e dificuldades sofridas por elas, são reflexos de uma estrutura social historicamente construída por homens sempre em dominância. A cidade de Pesqueira é uma cidade interiorana, o que pode levar a uma resistência maior em relação a novos padrões e mudanças culturais.

Percebemos que o seguimento dos empreendimentos dessas mulheres são sempre os já determinados por uma sociedade como sendo específicos para elas, alimentação e estética, por exemplo. Apenas uma dessas mulheres seguiu fora da curva e resolveu investir em um setor diferente do idealizado historicamente para mulheres, abrir um escritório de advocacia é sem dúvidas um resultado das lutas diárias femininas, podemos perceber que as mulheres do interior também continuam lutando e conquistando o seu espaço.

Pesqueira não oferece tantas oportunidades de desenvolvimento empreendedor, geralmente para realizar cursos, treinamentos, faculdades, essas mulheres precisam deslocar-se para cidades vizinhas. No comércio podemos identificar uma certa dominação dos grandes empresários, em sua maioria homens que já herdaram os negócios de família, somando mais uma dificuldade para essas mulheres empreendedoras conquistarem o seu espaço. Identificamos nas entrevistas essa visão das empreendedoras sobre a cidade em questão.

O estudo também nos ajudou a visualizar as evoluções em torno das lutas femininas e da mentalidade da mulher contemporânea, com as entrevistas percebemos que a mulher tem consciência do seu lugar ser onde quiser e das lutas que ainda precisam ser vividas.

Por fim, o presente estudo incentiva a realização de novas pesquisas com a ampliação do campo de estudo e a temática, fazendo também comparações com a rotina do empreendedor masculino. Outra sugestão seria a aplicação da pesquisa em outras cidades para realização de comparação da rotina das empreendedoras em relação ao ambiente em que vivem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miléia Santos. As mulheres e o capital: notas sobre a exploração do trabalho feminino na produção e reprodução do capitalismo. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 14, n. 2, p. 228-244, 2022.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV Seminário CETROS**, 2013.

AMORIM, R.O.; BATISTA, L.E. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.

ANSOFF, H. I. et al. **Do planejamento estratégico à administração estratégica**. São Paulo: Atlas, 1981.

DRUCKER, P. F. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

ANTUNES, R. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia social do trabalho**, v. 55-59, 1999.

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, v. 23, n. 01, 2015.

ATTAC (Collectif Femmes et mondialisation) **Quand les femmes se heurtent à la mondialisation**. Paris: Fayard, Mille et une nuits. 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, v. 20, n. 41, p. 189-197. 1998.

BARROS, A.A.; PEREIRA, C.M. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Revista de administração contemporânea**, v. 12, p. 975-993, 2008.

BAUMOL, W. Formal entrepreneurship theory in economics: existence and bounds. **Journal of Business Venturing**, 3, p. 197-210, 1993.

BERNARDI, L. A. **Manual de empreendedorismo e gestão: Fundamentos, estratégias e dinâmicas**. 1 Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BETIOL, M. I. S. Ser administradora é o feminino de ser administrador? *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ENANPAD, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAPOWSKI, G. S. **Be Your Own Boss?** Millions of Women Get Down to Business. *Management Review*, p. 24, 1992.

CARMO, L. J. O. et al. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE. BR**, 19 (1), 18-31. 2021.

CARVALHO NETO, A. (Org.). **Mulheres profissionais e suas carreiras sem censura**: estudos sob diversas abordagens. São Paulo: Atlas S.A, 2015, p. 5-22.

CASTRO, C.A.; NUNES, T.G. **Crítica à razão empreendedora; a função ideológica do empreendedorismo no capitalismo contemporâneo**. Tese. (Doutorado em Sociologia e Direito) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

CISNEROS, M. E. E. (2015). Desempeño de nuevos negocios: perspectiva de género. **Contaduría y administración**, v. 60, n. 2, p. 468-485, 2015.

COLBARI, A.L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. In: Sinais – **Revista Eletrônica** – Ciências Sociais, Vitória, v. 1, n. 01, p. 75-111, abril 2007.

CRAMER, L.; NETO, A.P.; SILVA, A.L. A inserção do Feminino no universo masculino: representações da educação superior. **Organizações & Sociedade**. v. 9, n. 24, Salvador, 2002.

CUNHA, R. A. N. A universidade na formação de empreendedores: a percepção prática dos alunos de graduação. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Curitiba, PR, Brasil, 28p., 2004.

CUNNINGHAM, J; LISCHERON, J. Defining entrepreneurship. **Journal of Small Business Management**, v. 29, n. 1, Jan. 1991

COSTA, M.M.; D'OLIVEIRA M.C. O fortalecimento das políticas públicas integradoras do gênero: cidadania, poder e autonomização. In.: DOMINGOS, T. O; COMO superar as dificuldades de empreender no Brasil. **Sebrae**, 2022. Disponível em:  
<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-superar-as-dificuldades-de-em-preender-no-brasil,bc9ae0a0fbd72810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

DIAS, V.T. **Criação e trajetória de uma agência no âmbito do Estado Integral: o caso SEBRAE**. 2012. 361 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luisa**. 30.ed.rev. e atual. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. São Paulo: Campus, 2001.



DRUCKER, P.F. **Inovação e espírito empreendedor** – prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 1986.

FARIA, N.; NOBRE, M. (Org.). **Gênero e desigualdade**. Cadernos Sempre Viva: Texto para ação feminista, São Paulo, SOF, p. 11-14, 1997.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2017.

FEITOSA, R. J. R. **Capitalismo e camponeses no Agreste Pernambucano: relações entre indústria e agricultura na produção de tomate em Pesqueira-PE**. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.

FERRAZ, J. M. (2020). **A noção de sucesso na sociedade capitalista: entre o mérito e a impessoalidade no trabalho**. Scribes – Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies, 1(2), 69-89.

FERRAZ, J. M. **Para além da prática empreendedora no capitalismo brasileiro**. São Paulo: Almedina, 2021

FERREIRA, J.M. **A ação de empreender sob a perspectiva Sócio-Histórica de González Rey**. 2012. 157 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Positivo, Curitiba, 2012

FERREIRA, Cibelle Soares Saraiva. **Empreendedorismo feminino: um estudo sobre o crescimento e os modelos de gestão em negócios liderados por mulheres**. 2016. Monografia (Bacharel em Administração) Universidade Federal da Paraíba, 2015.

FERREIRA, Felipe Leal Alves; GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; AUGUSTO, Paulo Otávio Mussi. Empreendedorismo e o processo de criação de uma nova organização. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 3, n. 2, p. 70-93, 2014.

FEUERSCHÜTTE, S. G.; GODOI, C. K. Competências empreendedoras: um estudo historiográfico no setor hoteleiro. *In: Anais ENANPAD – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação da ANPAD*, 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2007

FREITAS, Alfredo. Empreender no Brasil: desafios e perspectivas para o futuro. **Blog da Ambra College**, 2017. Disponível em: <https://blog.ambra.education/empreender-no-brasil/>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FILION, L. J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: Empreendedorismo, Ciência, Técnica e Arte. 1ª ed. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2000. Disponível em: < <http://home.ufam.edu.br/valparente/EMPREENDEDORISMO/LouisJFilion.pdf> >. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

GARCIA, L.S.; CONFORTO, E. A inserção feminina no mercado de trabalho urbano brasileiro e renda familiar. **Saúde em Debate**, v. 36, n. 95, p. 523-532, 2012.

GARTNER, W. B. "Who Is an Entrepreneur" Is the wrong question. **Entrepreneurship Theory and Practise**. Summer 1989. Disponível em < [http://business2.fiu.edu/1660397/www/definitions%20of%20entrepreneurship/gartner\\_1989.pdf](http://business2.fiu.edu/1660397/www/definitions%20of%20entrepreneurship/gartner_1989.pdf) >. Acesso em 29 de julho de 2023.

GASTAL, F.L.; LEITE, S.S.; TREPTOW, E.C.; MARINI, S.S.; NOAL, M.V.; BINZ, M.A.; AMARAL, M.T. Doença Mental, mulheres e transformação social: um perfil evolutivo institucional de 1931 a 2000. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 245-254, 2006.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil 2010**. Disponível em < [http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/temas-estrategicos/empreendedorismo/livro\\_gem\\_2010.pdf](http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/temas-estrategicos/empreendedorismo/livro_gem_2010.pdf) > Acesso 29 de julho de 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIUBERTI, A. C.; MENEZES-FILHO, N. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, v. 9, n. 3, p. 369-384, 2005.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. As habilidades de relacionamento interpessoal de mulheres que trabalham por conta própria: o caso de Vitória da Conquista-BA. In: **Anais do Seminário de Administração (Semead)**, São Paulo, SP, Brasil, 7.

GOTTLIEB, B.; KELLOWAY, E.; BARHAM, E. **Flexible work arrangements**. Managing the work-family boundary. England: John Wiley & Sons. 1998.

GUIMARÃES, L.O. **A experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores – contribuições das universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College**. 2002. 307 f. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.

Global Entrepreneurship Monitor – GEM. **Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2022** \Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores. Relatório Executivo Empreendedorismo do Brasil

2022-Curitiba: IBQP, 2023. 26p.: Disponível em:  
<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

Global Entrepreneurship Monitor – GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. 2019 \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2020. 200 p.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HIRATA, Helena. O universo do trabalho e da cidadania das mulheres – um olhar do feminismo e do sindicalismo. In: COSTA, A. A. et al. **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. 1. ed. São Paulo: CUT Brasil, 2004. p. 13-20.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HISRICH, R. D; PETERS, M. P; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estud Pesq [Internet]**, v. 38, p. 1-13, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Senso 2022**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/pesqueira/panorama>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Senso 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/pesqueira/panorama>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: quebrando alguns tabus. **Anais CD-ROM**, n. 69, p. 5-6, 2001.

KAUFMANN, L. **Passaporte para o ano 2000: como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora para crescer com sucesso até o ano 2000**. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.

KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos – CEBRAP** [online], n. 86, p. 93-103, mar./2010.

KODAGODA, T. D. WorkingLongHoursand Its Empatou Family Life: ExperiencesofWomenProfessionaland Managers in Sri Lanka, **IndianJournalofGenderStudies,New York**, v. 25, n.1, p. 108-126, February, 2018. Disponível em:<http://journals.sagepub.com.ez24.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1177/0971521517738432>. Acesso em:13. Jun.de 2023.

LA ROVERE, Renata Lèbre. Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea* 34, 2001. p. 137-154. Disponível

em: <

[http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%205/REC\\_5.Esp\\_06\\_Perspectivas\\_das\\_micro\\_pequenas\\_e\\_medias\\_empresas\\_no\\_brasil.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%205/REC_5.Esp_06_Perspectivas_das_micro_pequenas_e_medias_empresas_no_brasil.pdf) >. Acesso em 12 de setembro de 2023.

LIMA, J. C. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Ano 12, N. 25, 2010, p. 158-198.

LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LUZ, A.F.; FUCHINA, R. Evolução histórica dos direitos da mulher sob a ótica do direito do trabalho. **Anais II Seminário Nacional de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**, 2009.

MARX, K. (2015). *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular.

MCCLELLAND, D. **The achieving society**. RJ: Expressão e Cultura, 1961

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORICOCCHI, L.; GONÇALVES, J.S. Teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter: uma revisão crítica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.24, n.8, agosto/1994

NARVAZ, M. J.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política Psicologia em Estudo, **Maringá**, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NORONHA, N.S.; BARBOSA, D.M. Renda, consumo e centralidade do trabalho na “nova classe média” brasileira. **RAMRev. Adm. Mackenzie**, 17(1), 40-54, São Paulo, jan./fev./2016

OGBOR, J.O: Mythicizing and reification in entrepreneurial discourse: ideology-critique of entrepreneurial studies. **Journal of management Studies**, v. 37, n. 5, July, 2000.

OLIVEIRA, S. R. M.; SIMONETTI, V. M. M. Intuição e percepção no processo decisório de microempresa. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, V. 3, N. 3, 2010, p. 52-66

PAIVA, JR. F. G. **O empreendedorismo na ação de empreender: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz**. Tese de doutorado em Administração. Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

PASSOS, Luana; GUEDES, Dyeggo Rocha. Participação feminina no mercado de trabalho e a crise de cuidados da modernidade: conexões diversas. Planejamento e políticas públicas | **ppp** | n. 50 | jan./jun. 2018.

PEIXOTO FILHO, Heitor. **Empreendedorismo de A a Z: casos de quem começou e terminou melhor ainda**. São Paulo: Saint Paul Editora, 2011

PEREIRA, H. J., SANTOS, S. A. dos. **Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor**. São Paulo: SEBRAE/FIA/USP, 1995.

PEREZ, L. Os desafios para o século XXI. In: GALEAZZI, I.M.S. (Org) Mulher e Trabalho. Publicação Especial do Convênio da Pesquisa e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (**PEDRMPA**) v. 1, 2001. p. 51-53.

PERISTA, H. **Os usos do tempo e o valor do trabalho** – Uma questão de gênero. Lisboa: CESIS, 1999.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005. 520 p

PINTO, C.R. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política** 18 (36), Curitiba, jun. 2010, pp.15-23.Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>, acesso em 05 de junho de 2023.

PORTO, M.F. **Com licença, eu vou à luta: mulheres empresárias de patos de minas – 1980-90**. Uberlândia, 2002. 250 f. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em História. Uberlândia, 2002.

PROBST, E.R. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista Leonardo Pós**, n. 2, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acessado em: 30 ago. 2023.

PRONI, T. T. R. W.; PRONI, M. W. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e41780, 2018.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 578-606.

REZENDE, R.A.; FILHO, V.B. Educação para a cidadania: o aspecto democrático do direito à educação. **Revista Argumenta**, n.22, 2015.

RIBAS, L. M.; PIINTO, H. E. (orgs). Direitos sociais e políticas públicas I. Florianópolis: FUNJAB, 2013.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, P.C. **Uma escala para identificar potencial empreendedor**. 2008. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTOS, C. M. M.; TANURE, B.; CARVALHO NETO, A. O percurso do trabalho feminino no brasil: vestígios dos primórdios no presente. In: ANDRADE, J. O.;

SEIFFERT, P. Q. **Empreendendo Novos Negócios em Corporações**. São Paulo: Atlas, 2005.

SENFF, Carlos Otávio; FRANCO, Claudineia Kudlawicz; SCHMIDMEIER, Roseli Maria. VIDA PESSOAL E VIDA PROFISSIONAL: UM DESAFIO PARA MULHERES EMPREENDEDORAS. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 6, n. 5, p. 191-207, 2021.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** 2021. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo#:~:text=Empreendedorismo%20%C3%A9%20a%20capacidade%20que,algo%20positivo%20para%20a%20sociedade>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

SCHUMPETER, J.A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio: Zahar. 1984.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: o caso da Feevale. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 14, n. 1, p. 187-213, 2008.

SHINNAR, R. S.; HSU, D. K.; POWELL, B. C.; ZHOU, H. (2017). Entrepreneurial intentions and start-ups: Are women or men more likely to enact their intentions? **Revista Internacional de Pequenas Empresas**, v. 1, pág. 60-80, 2018.

SILVA, M. S.; MAINARDES, E. W.; LASSO, S. V. (2016). Características do Empreendedorismo Feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

SILVA, E. H. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá. Pesqueira/PE, 1950- 1988**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2017

SILVA, T. G. da. **Feminismo e liberdade: seu sujeito total e tardio na América Latina**. 166 p. Tese ( Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPB, João Pessoa, 2004.

SOUZA, A.E.; GUIMARÃES, V.N. Gênero no espaço fabril. *In: Anais ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO*, 24., 2000, Florianópolis. Anais...Florianópolis: Anpad, 200

STROBINO, Márcia Regina de Campos; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, p. 59-76, 2014.

TAVARES, M.A. O empreendedorismo à luz da tradição marxista. **Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea**, v. 16, n. 41, p. 107-121, 2018.

VAMPO, C. Female business leaders and young female entrepreneurs in Iomé (Togo): The double life of “superwomen” and their domestic burdens. *Enfances, Familles. Generations*, v. 29, 2018.

VERGA, E.; SILVA, L.F. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

VILLAS BOAS, A. **Valor Feminino**: desperte a riqueza que há em você – São Paulo: Ed. Do autor, 2010.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2006.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

### Seção 1: Perfil Pessoal da Empreendedora

- Idade; Estado Civil; Orientação sexual; Raça (Pode falar um pouco sobre você, “Quem é você” e como você se define)

### Seção 2: Sobre relação com estudos

- Qual seu nível de escolaridade?
- Você realizou algum curso profissionalizante ? Se sim, esse curso contribuiu para sua vida de empreendedora? Caso não, você tem em mente algum curso para realizar? Para você qual a importância de ter alguma formação superior ou técnica?

### Seção 3: Sobre sua família

- Você tem filhos? se sim, quantos?
- Você reside com mais alguém? se sim, quantas pessoas são? e qual o seu grau de parentesco com elas ?
- Fale mais sobre a sua família, suas experiências, rotina, dificuldades.
- Fale sobre sua rotina no ambiente familiar, como são distribuídas as atividades domésticas?

### Seção 4: Sobre sua renda

- Atualmente qual a sua principal fonte de renda?
- Você é a maior responsável pela manutenção financeira do lar? Além de você mais alguém contribui para as despesas do lar?
- Seu faturamento como empreendedora é o suficiente para suprir todas as necessidades ?

### Seção 5: Sobre o surgimento da sua empresa

- Fale um pouco sobre seu empreendimento, como surgiu, o que motivou, de onde surgiu
- essa vontade de empreender? "Fatores que influenciaram na abertura do negócio; (Oportunidade; necessidade; realização pessoal; )"
- Você já vivenciou experiências anteriores em relação ao trabalho ou empreendimento?
- Existe a presença de empreendedores na família? caso sim, quem são?

### Seção 6: Sobre o surgimento da sua empresa

- Fale sobre sua empresa, em qual setor você está atuando, há quanto tempo está no mercado?
- A sua empresa é formalizada? caso sim, como foi o processo de formalização. Caso não, quais são os motivos da informalidade!
- De onde veio o recurso inicial para abrir a empresa?
- Como é organizada as atividades da empresa? Conta com ajuda de mais alguém?



- Fale um pouco sobre a sua rotina de empreendedora?

#### Seção 7: Trabalho / Família

- Quais foram e são os pontos positivos e as maiores dificuldades encontradas no processo de empreender?
- Você consegue com facilidade concilia as atividades domésticas e outras atividades
  - com o seu empreendimento ou tem dificuldades? Fale um pouco sobre.
  - Já pensou em desistir? caso sim, por quais motivos e de onde vem sua motivação para continuar?
  - Você consegue calcular quantas horas do seu dia é dedicada a sua rotina pessoal, a rotina doméstica e ao empreendimento?
  - Suas responsabilidades com a casa, filhos e outros afazeres domésticos, já interferiram e interferem no seu desenvolvimento como empreendedora? Fale sobre!
  - Suas atividades empreendedoras modificam sua rotina pessoal e familiar?
  - Quais são os maiores conflitos existentes no momento, em relação ao trabalho e a família?

#### Seção 8: Gênero

- Como foi a sua educação em relação a "ser mulher"?
- Quais figuras masculinas dividem o ambiente familiar com você? Conte um pouco sobre a participação dessas pessoas na sua vida e na rotina familiar e de empresa.
  - Já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher? se possível relate a sua experiência?
  - Você acredita que exista privilégios para os homens, pelo simples fato de serem "homens"?
  - Você considera a sua rotina de administrar família / trabalho pesada? o que poderia melhorar?
  - Você acredita que a figura masculina tem uma rotina igual ou diferente a de uma mulher?